

A black and white portrait of a man, Rafael, with dark, wavy hair, looking directly at the camera with a slight smile. He is wearing a dark V-neck shirt. The background is a blurred outdoor setting.

RAFAEL

O magnífico jogador
do Belenenses

(foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 47 ★ 27 DE OUTUBRO DE 1943

AS PROVAS DE MAR

NUMA tarde de fim de verão, em que nos debruçávamos sobre o oceano, na esplanada da Foz do Douro, veio à nossa mente a necessidade de focar certos pormenores das provas de mar.

Aqui, perto das rochas que ladeiam a Foz, disputou-se, em anos sucessivos, a «Milha da Foz», à qual, por vezes, deram valiosa colaboração os melhores clubes e nadadores da capital. Um pouco para o norte, na Póvoa do Varzim, praia nortenha de grande fama, correu-se mais de uma vez, também em pleno oceano, a «Milha da Póvoa», esta em mar de certa rebentação, para disputa da taça «Cego de Maio» — o nome de um heróico poveiro que tem estátua na sua terra natal, para perpetuar o salvador de muitas vidas prestes a extinguirem-se nas águas encapeladas do mar furioso.

Em frente do oceano, distraído o olhar entre o fraguado da beira-mar e a mancha larga das águas, recordámos as provas que se disputavam há anos — e que não se efectuam agora, não sabemos porquê.

Existem, actualmente, algumas piscinas espalhadas pelo país. É natural o seu aproveitamento — dentro das suas características. Mas não devemos limitar às piscinas as provas de natação. Nadar em provas pequenas, ou em percursos curtos, reúne atractivos especiais e permite o registo de resultados técnicos em que assenta a mais exacta noção do progresso. São todavia provas que não bastam para dar a ideia de natação como desporto de mais utilidade. Nadar grandes extensões, em mar mais áspero, pode não permitir resultados que falem por si, na linguagem expressiva dos números. Um ensaio de salvamentos, pelos rapazes da escola magnífica do Clube Nacional de Natação, feito, como se fez no aniversário desse clube, no tanque pequeno de São Bento, — não teve a imponência que teria, aqui, nestes fraguados, ou mais ao norte, perto da Póvoa, na presença dos marinheiros ousados que são os poveiros.

As provas de piscina não deviam constituir exclusivo. Não deviam — e não devem. É preciso voltar às provas de rio — e de mar. É necessário mostrar que a natação não é apenas um desporto praticável em provas pequenas, ou pequenos percursos. Temos de voltar à orientação dos primeiros tempos, porque a natação, para corresponder melhor às suas características e sua utilidade, deve ser também praticada em extensões grandes, em pleno rio e no mar, com ondulação.

Voltemos, pois, às provas de mar. E procuremos fazer os ensaios e demonstrações de salvamento em condições que sirvam para lhes dar maior poder de realidade — e em núcleos de população onde seja mais conveniente assegurar a sua útil propaganda.

NOTAS & COMENTÁRIOS

O tiro reduzido tem propagandistas e alguns cépticos ou detractores. O que é certo é que os clubes desportivos, fechados por algum tempo as carreiras de tiro com arma de guerra, começaram a entreter a sua actividade com torneios e carreiras de tiro reduzido. A prova do valor desta acção e da actividade destas carreiras, como preparação para o tiro com arma de guerra, acaba de ser posta em realce no torneio comemorativo das «bóias de ouro» do Grupo Pátria.

Na prova da «Federação de Tiro Nacional Portuguesa», os primeiros lugares couberam a atiradores vindos das carreiras de tiro reduzido. O vencedor, Luís Howorth, que pertence a este grupo, ganhou-a brilhantemente com 125 pontos. E D. Maria Aquino de Brito, que tem representado o Sporting em várias daquelas provas, ficou em segundo lugar com o mesmo número de pontos.

A citada prova da «Federação de Tiro Nacional Portuguesa» forneceu ainda aquele resultado curioso — a classificação de uma senhora no mesmo plano do vencedor, ou seja com o mesmo número de pontos.

Nas provas desportivas, nem sempre as senhoras lutam em perfeita igualdade com os homens. Há, muitas vezes, um «chance» como tributo da deferência masculina para com as representantes do sexo feminino. D. Maria Aquino de Brito não precisou, porém, de qualquer «chance» ou favor. Bateu-se nas mesmas condições — e classificou-se à frente de muitos homens. A par dela, só ficou um — o vencedor! Foi um grande triunfo.

CHEGARAM a Lisboa, no penúltimo domingo, os estudantes espanhóis que resolveram descer o Tejo, desde de Toledo até à capital lusitana.

A prova desportiva que todos eles realizaram, completando um grande percurso em pequenos barcos de lona, espicou-se a curiosidade da população citadina. E tiveram, por isso, recepção afectuosa, com música e muito público.

As grandes provas marítimas mereceram sempre a simpatia do nosso povo. É pena que nós não saibamos despertar melhor essa simpatia, com provas adequadas.

OS clubes náuticos da capital e do Barreiro deram grande animação ao rio Tejo, no penúltimo domingo, quando os remadores espanhóis chegaram a Lisboa. Foi uma autêntica parada de barcos de remo e vela.

Um «singer» do Clube Natal passou junto de um dos vapores da carreira de Casilhas. Confundido cores e barcos, houve alguém, a bordo, que disse ser um barco dos espanhóis... A tripulação do clube lisboeta passou, pois, por estrangeiro! É o resultado de se aparecer poucas vezes no rio...

NA última época de futebol, dissemos, várias vezes, que a crise do Futebol Clube do Porto era aparente. faltava-lhe moral. A equipa parece, agora, outra. É um grupo em pleno resurgimento. Bastou ao Porto confiar outra vez nos seus recursos para voltar a afirmar valor em campo.

Foi uma transição de sangue — com bons resultados. Sangue novo — vida nova!

ANO XI — Lisboa, 27 de Outubro de 1943 — II SÉRIE-N.º 47

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA
Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS
Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.
Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA
Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A meio do campeonato lisboense de futebol pode afirmar-se que o Beirenense é, do momento, a equipa favorita. E não sómente pela classificação obtida, com três pontos de diferença sobre os dois clubes em segundo lugar: é principalmente, pela forma como está jogando.

O Benfica tem, porém, reservas de energia e entusiasmo bastantes, para alterar a arrumação de valores no fim da primeira volta. E o Sporting, mesmo à procura de b.a. «carburação» para o seu «motor», não deixou, ainda, de ser adversário perigoso. A luta pode, pois, oferecer surpresas...

A Direcção Geral dos Desportos ordenou recentemente uma amnistia a aos jogadores castigados pela Federação Portuguesa de Futebol, ou pelas respectivas associações regionais.

A amnistia, concedida sem restrições, é especialmente útil para alguns casos de suspensão a longo prazo. Passada uma esponja sobre faltas de certa gravidade, convém que os beneficiados pensem melhor no futuro. Uma amnistia destas não aparece todos os dias... É aproveitar — e ter cuidado.

CAUSAS aparentemente iguais, produzem, por vezes, resultados antagónicos. A crise do futebol em Viana do Castelo provocou a inação local. Em Beja, um período de crise para o campeonato regional, deve provocar a movimentação dos outros clubes.

É que em Beja a superioridade do Lusitana interessava ao campeonato. Não podendo o Lusitana, por dificuldade financeira, manter todos os seus jogadores retribuídos, o facto deve traduzir-se pelo enfraquecimento dos «camas». Há, por isso, mais equilíbrio — entre os clubes do distrito. E o campeonato ganha mais emoção.

DIRIGIR é função que a muita gente se afigura fácil. Dirigir qualquer colectividade não é porém agarrar um regulamento — e seguir para a frente... É função mais complexa — e tem alguns espinhos.

É por isso que enquanto uns dirigentes brilham, há outros que falham estrondosamente.

EM Madrid reuniu, agora, o I Congresso de Educação Física. É assim que os próprios jornais espanhóis o classificam. Talvez seja por isso interessante analisar que se realizaram já, entre nós, vários congressos de educação física. E o primeiro teve em si mesma grande relevância.

É, todavia, diferente o aspecto nos dois países peninsulares. A Espanha é uma nação em evidente progresso desportivo — em diferentes modalidades. E nós vamos marcando passo, em algumas. Os factos foram sempre mais úteis que as palavras. E contra factos, não há argumentos...

O desporto feminino tem larga expansão em Espanha. Há poucos domingos disputou-se, por exemplo, o campeonato espanhol de basquet, entre várias províncias da nação vizinha. Quando se disputará entre nós um torneio feminino de basquet — com a categoria de campeonato de Portugal?

O estádio «José Manuel Soares» teve uma grande enchente, no dia do jogo entre o Beirenense e o Benfica. Vai sendo «chapas» demasiadamente repetida afirmar que o espectáculo era magnífico. Mas a classificação é realmente essa. Busto, de facto, em assistência.

A vibração do público não chegou, porém, ao rubro. O «goal» de Julinho foi muito cedo — e o de Valadas veio muito tarde. Se o Benfica alcançasse o empate — é que seria caso sério... Assim, ficou, apenas, a impressão de que a derrota dos «encarnados» estava na perspectiva de todo o público.

ESPIRITO SANTO, o popular e correcto internacional de futebol, reapareceu domingo em campo, após prolongada doença. Regosijamo-nos com o facto e fazemos os melhores votos por que o excelente atleta pronto recupere a plenitude da sua forma.

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

I — CORREDORES DE VELOCIDADE

por SALAZAR CARREIRA

OS corredores de velocidade pura provaram sempre em Portugal classe muito superior à dos praticantes de todas as outras modalidades e distâncias.

Diversas têm sido as explicações apresentadas para o facto, das quais a mais simples, e em parte verdadeira, é aquela que se fundamenta apenas em aptidão especial dos nossos atletas: o português, impulsivo e enérgico, dá maior rendimento nas provas de esforço violento e curto do que nas provas de esforço prolongado.

Admitamos a tese, mas adicionando-lhe outra influência incontestável: a corrida de 100 metros é aquela onde as virtudes naturais melhor se podem afirmar sem necessidade de intensa preparação e, como os portugueses arguem regime de treino ligeiro, não conseguem velejar nos outros percursos e concursos a classe que sempre tem em si.

A prova cabal desta afirmação encontra-se na disparidade do valor dos resultados obtidos pelo mesmo homem em 100 e 200 metros; qualquer corredor capaz de percorrer a primeira distância em 10,8 segundos deve descer, na segunda, abaixo dos 22 segundos.

Consultem agora as tabelas nacionais e confrontem: Gentil dos Santos 10,8 e 22,2 (o mais equilibrado); Sarsfield, 10,6 e 22,6; Prata de Lima, 10,8 e 23; Mário Pôrto, 10,8 e 22,6; Pedro Vasconcelos, 10,8 e 22,4; Fernando Lourenço, 10,8 e 22,5.

Admitamos, ainda, em muitos casos, a interferência de insuficiências de arbitragem; as pistolas usadas em Portugal não dão chama e produzem excesso fumo, que nunca houve o cuidado de pôr em destaque sobre fundo negro e, portanto, mal se percebe; compreende-se assim que houvesse por vezes ligeiros atrasos dos cronometristas de enorme influência em tão rápido percurso.

Sejam quais forem as razões, a verdade é que os corredores portugueses de velocidade foram sempre os nossos melhores especialistas e que a estirpe gloriosa tem no campeão actual, Fernando Lourenço, um digno continuador.

O sportinguista teve este ano a sua melhor época, dominando todos os adversários e fazendo em 200 metros uma experiência concludente; nunca passou os limites do bel treino pouco intenso, por falta de confiança nos seus recursos, e só o resultado do campeonato nacional o convenceu das suas possibilidades. A forma de um atleta é sempre uma incerteza e não permite augúrios a largo prazo, mas é nossa opinião — e parece ser opinião geral — que tem no seu alcance o recorde nacional da distância.

Lourenço é detentor do campeonato nacional dos 100 metros há três anos consecutivos; não é um novo, mas deve ainda manter-se na brecha algumas épocas mais (se o risco iminente do futebol o não minar) e progredir se estiver disposto a intensificar o regime de trabalho preparatório.

Os restantes concorrentes da época dividem-se em três grupos: os confirmados, os que se confirmaram e os que devem confirmar-se.

Do grupo dos corredores que já tinham nome feito pelos seus anteriores resultados, destaca Alfredo Abrunhosa — porque o considero aquele que melhores condições de êxito ainda possui e, por várias circunstâncias infelizes, nunca conseguiu aproveitar; cuidando durante o inverno da sua lesão muscular, em evidente caminho de cura, de molde a poder treinar com tempo e regularidade, será para 1944 homem muito próximo dos melhores.

Os restantes, Manuel Raposo (com uma época falhada por falta de possibilidade de preparação e orientado para a velocidade prolongada), Evaristo Silva (também a evoluir no mesmo sentido) e Fernando Ferreira, que não alinhou em provas individuais, não os considero susceptíveis de melhorarem os seus mínimos nas curtas distâncias.

A categoria dos corredores já com provas dadas e que se confirmaram na época, pertencem a Abreu Lima, Manuel Nâncio e Eugénio

Eleutério, os mais abalizados candidatos à supremacia na especialidade. Os três possuem boa classe, mas a do primeiro é excepcional; veríamos se me não deixa por mentiroso.

Finalmente, os novos da temporada: Mário do Carmo, Fernando Araújo, o portuense José Romero e Melo e Silva foram os que prometeram mais e melhor realizaram; o último, apesar de não conseguir qualquer vitória, impressionou agradavelmente e deverá progredir muito ao aproveitar o inverno para se fortalecer com ginástica apropriada. Falta-lhe peso e estofos para a competição, mas favorece o a boa estatura, passada fácil e velocidade natural.

São campeões em 1943:

Seniores: 100 m. — Portugal, Fernando Lourenço (Sporting), 10,8 s.; Lisboa, o mesmo, em 11 s.; Pôrto, Sampaio Peixoto (Académico), em 11,6 s.

200 m. — Portugal, Fernando Lourenço, 21,5 s.; Lisboa, Manuel Nâncio (Sporting), 23,6 s.; Pôrto, Agostinho Pena (F. C. Pôrto), 25,2 s.

Juniões: 80 m. — Portugal, Abreu Lima (A. A. Coimbra), 9 s.; Lisboa, Eleutério (Benfica), 9,2 s.; Coimbra, Helder Sousa (A. A.), 9,9 s.; Pôrto, José Romero (F. C. P.), 10 s.

150 m. — Portugal, Abreu Lima, 17 s.; Lisboa, Eleutério, 17,2 s.; Coimbra, Renato Santos (A. A.), 18,2 s.; Pôrto, José Romero, 17,8 s.

Principiantes — 80 m. — Lisboa, Mário do Carmo (Benfica), 9,5 s.

Estreantes — 60 m. — Lisboa, Fernando Araújo (Sporting), 7,4 s.; Pôrto, João Norberto (Braga), 7,3 s.

Universitário — Lisboa, 100 m., Fernando Ferreira (I. N. E. F.), 11,5 s.; 200 m., Mário Lemos (I. N. E. F.), 25,2 s.

Corporativo — 100 m. — Portugal, Carlos dos Santos (F. N. I. M.), 9,9 s.; Lisboa, Carlos Azevedo (Vaulter), 9,9 s.

Para os amadores de estatística actualizar as suas tabelas, seguem os melhores resultados portugueses nas distâncias de velocidade, classificados na tabela finlandesa.

60 metros: Mário Mira Barroso (Casa Pia), 6,9 s., 24-4-39 (887 p.); Domingos Gregório (Casa Pia), 6,9 s., 18-5-40; João Guerreiro Nuno (C. I. F.), José Júlio Duarte (Anadia), Mário Ferreira (C. I. F.), António Almeida (Ateneu), João Abrunhosa, Fernando Ferreira, Francisco Nazaré e Trigo Pereira (S. L. B.), Délio Ferreira (C. F. B.), Francisco Tomé (C. P.), Fernando Lourenço e Manuel Nâncio (S. C. P.), todos em 7 s. (835 p.).

Todos estes resultados pertencem a corredores principiantes; seria interessante oferecer aos seniores a oportunidade de mostrarem as suas aptidões.

100 metros: António Saraifil Rodrigues (Sport C. Pôrto) 10,6 s., 2-7-32 (968 p.) e José Prata de Lima (Académico), 10,6 s., 16-7-33; Gentil dos Santos (C. I. F.), Fernando Prata de Lima (A. F. C.), Mário Pôrto, José Carvalhosa, Alves Pereira, Mário Cunha Rosa e Fernando Lourenço (todos do Sporting), Lima Marques (A. F. C.), Pedro Vasconcelos (S. L. B.), 10,8 s. (902); Fernando Pereira (S. L. B.), 10,9 s. (872).

200 metros: Gentil dos Santos (C. I. F.), 22,2 s., 16-3-25 (856); Pedro Vasconcelos (S. L. B.), 22,4 s., 10-8-40 (930); Fernando Ferreira (S. L. B.), Evaristo Silva e Fernando Lourenço (S. C. P.), 22,5 s. (817); Sarsfield Rodrigues e Mario Porto (Sport), 22,6 s. (805); Karel Pott (Nun'Alvares), 22,8 s. (780); João André dos Santos (S. L. B.), 22,9 s. (768).

Seguem sete atletas com 23 segundos.

Bicicletas «FLECHA»

A GRANDE MARCA
DOS CAMPEÕES

A SEDENTARIEDADE ESCOLAR

O importante papel dos exercícios físicos na educação das crianças

por ALBERTO S. VIANA

As condições da vida actual criaram problemas inquietantes para a saúde do homem. Falta de activação orgânica, longa permanência em ambientes confinados, fraca exposição do corpo ao sol, ar e água — fizeram dos cidadãos seres pouco robustos, predispostos às doenças.

Na vida física do mundo moderno a sedentariedade constitui, sem dúvida, o factor mais depressivo. É um mal não só dos adultos mas também das crianças.

O âmbito dos conhecimentos humanos, alargando-se consideravelmente, determinou exigências desmedidas quanto ao ensino teórico. Cresceram as horas de imobilidade das crianças nas escolas, multiplicaram-se as suas tarefas intelectuais e reduziram-se, deste modo, os períodos diários libertos para a movimentação natural. Transformou-se em sedentário um pequeno ser, cujo instinto é a agitação!

A criança não sofre menos que o adulto da falta dos exercícios físicos. As perturbações são, porém, diferentes: atrofiam mais o esqueleto que as vísceras.

Todos os médicos conhecem as fraquezas orgânicas e deformações dos alunos das escolas, onde os processos educativos fazem apelo, quasi exclusivo, às faculdades intelectuais. Os exames clínicos e biométricos efectuados naqueles estabelecimentos de ensino revelam quadros bastante confrangedores. São claros e elucidativos a este respeito os seguintes dados estatísticos, obtidos há anos em meios escolares franceses onde a educação física era precária:

50 % dos estudantes dos 7 aos 12 anos, possuíam uma capacidade pulmonar inferior à normal, em cerca de 40 a 50 %; 30 % apresentavam curvaturas da coluna vertebral que não tardariam a fixar-se em escolioses ou cifoses; 20 % dos alunos dos liceus, dos 13 aos 15 anos, tinham um coração incapaz de suportar esforços físicos pouco intensos, devido ao insuficiente desenvolvimento do torax.

Estas anomalias — típicas da sedentariedade escolar — repercutem-se na vida psíquica da criança. Formam-se estados de irrequietismo que, a persistirem, deixam traços profundos na alma infantil. Caprichos, violências, malandres, rebeldias e muitos actos de indisciplina, são bastas vezes manifestações doentias de um sofrimento corporal, da forçada imobilidade no lar e na escola.

Não é sem fortes razões que educadores e médicos reclamam, com insistência, o alargamento do tempo escolar destinado aos exercícios físicos e demais actividades ao ar livre. Apesar de todo o progresso registado nos últimos anos — momento no que se refere à acção educativa da «Educação Portuguesa» — estamos longe de atingir a unidade de pensamento que a Grécia antiga imprimiu ao seu sistema de educação. As horas de escolaridade dedicadas ao desenvolvimento do corpo, são, ainda, verdadeiramente insignificantes em relação àquelas que se exigem para a formação mental.

Mas a sedentariedade da criança não se revela apenas na escola. A vida infantil no lar é igualmente afectada pela sobrecarga dos programas escolares. As lições a estudar são geralmente extensas, determinam grandes esforços de memória e de concentração do espírito. O estudante aplicado cumpre, sem hesitação, as pesadas tarefas intelectuais — mas com sacrifício das belas horas de recreio que a longa imobilidade na escola tornara tão desejadas. A sedentariedade escolar segue-se, assim, a sedentariedade no lar!

Acrescem, ainda, os inconvenientes do ambiente citadino, pouco propício à movimentação natural das crianças. Estas querem expandir-se, dar livre desenvolvimento às suas actividades lúdicas, mas encontram sempre as suas iniciativas tolhidas por uma vida urbana que se esquece demasiadamente das necessidades biológicas do mundo infantil.

(Conclui na pag. 6)



Aspecto da festiva recepção aos desportistas espanhóis



Em cima: A entrega ao sr. Comissário Nacional da "Mocidade Portuguesa", de uma recordação histórica do Alcazar de Toledo. Em baixo: O capitão Luque Récio fala à "Stadium".



Uma aventura fluvial 17 DIAS de NAVEGAÇÃO no TEJO de TOLEDO a LISBOA

DOZE rapazes do Sindicato Español Universitario empreenderam arriscada viagem, Tejo abaixo, de Toledo a Lisboa. Plano audacioso, mas coroado de bom êxito. São, todos eles, moços exuberantes de vida — punhado juvenil de desportistas náuticos, antigos e actuais alunos da famosa Universidade de Madrid, La Reina de Castilla... Uns, ainda estudantes, à espera de formatura; outros, poucos, já com os seus cursos concluídos. Chefiava a equipa o capitão de cavalaria (vinham na excursão quatro oficiais do exército espanhol) Luque Récio, misto de «gentleman» e desportista.

Os audaciosos nautas, eram: Manolo Paniague, sub-chefe do grupo; José António Searle, António Gonzalez Merino, Vladimiro Fernandez, José Obalde, José Maria de La Barrera. Mariano Aróstegui, José Manuel Tepla, António Magariños, Francisco Fernandez, Carlos Garcia Muñoz e Manolo Iglesias.

As condições da viagem são já do domínio público: em oito canoas de lona reforçada, movidas a remo único — a jeito da navegação em pirogas — com o comprimento de quatro metros, cada uma delas, pesando trinta quilos e transportando igual peso de equipamento, roupas e víveres. Mas a maior parte dos utensílios de viagem ficou pelo caminho — que a corrente tudo destruiu e levava...

Interessava-nos saber algo do que foi a excursão marítima destes rapazes, quem são e o que fazem, no seu aspecto puramente desportivo. Para tal, procurámos o sr. capitão Luque Récio, antigo «internacional» de rugby (duas vezes «olímpico-universitário»), «internacional» de remo — tomou parte nos campeonatos da Europa de out-riggers de 4, em Belgrado — atleta (corredor, saltador e lançador) e antigo campeão de boxing da Catalunha, amador, na categoria dos meios pesados.

Um desportista, em suma; e desportista eclético! Com larga folha de serviços — este «animador» dos desportos no Sindicato Español Universitario.

Cavalheiro e desportista de puro quilate, capitão o Luque Récio atendeu-nos com afabilidade e sem cerimónias. A-vontade. Como convinha. E a charla começou...

— A viagem foi dura e espinhosa. Perdão: eu sei que no rio não há espinhos; quando muito, algumas espinhas! Mas há recifes, baixios, cachopos e pedregulhos — o que possa imaginar-se de difícil para a navegação. E em que condições, Ditos mio! Principalmente no percurso espanhol... Em Molino de Sizarros, por exemplo, os «saltos de água» — ou «poços» — e cachões que os redemoinhos levantam, quasi nos iam fazendo perder a esperança no êxito da empresa e duvidar de que pudessemos vencer a jornada. Mas triunfou-se. E a ternura com que nos acolheram em terras do vosso Portugal compensou-nos de todas as arrelias. Alguns rapazes perderam as bagagens. De remos, então, nem se fala! Apesar-de nos prevenirmos com «suplentes» — remos, claro! — mesmo assim chegámos a Lisboa com os indispensáveis...

«Em Molinos voltaram-se seis barcos! Mas a «tempestade» passou... E, Tejo abaixo, lá fomos vindo — esperançados e ansiosos de vitória. Só a passagem em Cabril um cachão mais violento fez que se voltasse uma das embarcações. As etapas foram calculadas a êmo — e a quilometragem, que supunhamos ser, no total, de seiscentos e poucos quilómetros, «deu-nos» mais de setecentos! Os desvios de corrente contribuíram para dificultar a viagem. E apenas treinámos (poucas vezes!) no pequeno lago do Retiro, que tem duas centenas e meia de metros...

«Na maior parte das vezes chegámos tarde às localidades para pousar. Já de noite! E tínhamos de acampar em qualquer sítio, quantas vezes ao relento... Comer?! Quasi sempre no campo, à beira das margens do rio — que as correntes não permitiam que sossegássemos um instante sequer! A navegação de noite é perigosa. Muito perigosa, creia. Em suma: tivemos de lutar com cerca de 250 cachões! Pode ver...

«Na maior parte, os elementos de cartografia de que dispunhamos saíram errados. Cálculos e tudo o mais! A corrente também não favorecia. Por isto, as dificuldades da empresa. Mas, também, — acres-



ATLETISMO NO SPORTING: 1—Os

concorrentes às provas de Domingo posam para a «Stadium» rodeando o medalhão que homenagem Francisco Stromp.

AS BODAS DE OURO DO ANTIGO «GRUPO PATRIA»

2—O mestre-atirador e olimpico Coronel Francisco Real: 3—Três mestres veteranos—Antônio J. Baptista, coronel Brandão da Melo e A. Ferreira de Lima: 4—Uma animada sessão na prova «General Carmona». FUTEBOL: 5—Uma fase do jogo F. Benfica-Chelas



O torneio de "water-polo" dataça STADIUM

Quando a STADIUM pergunta...

HERRERA TAVORA fala-nos de ténis de mesa

HA pessoas que se afeiçoam de tal modo a um país sem se lembrar onde nasceram, que já nem se recordam de que são estrangeiros! É o caso de Baldomero Herrera Tavora — um espanhol por nascimento mas português, dos quatro costados, pelo coração. É o caso de tantos outros...

Pois Baldomero Herrera Tavora é um amigo de Portugal e das desportistas portuguesas, ele mesmo também desportista praticante.

Veio para cá com poucos anos. Uma criança. Aqui se fez homem e se educou. É natural, por conseguinte, que tenha amizade por um país — que não é seu mas é como se o fosse...

O Ateneu Comercial de Lisboa é o seu clube preferido. E o ténis de mesa a modalidade desportiva da sua feição. Outras especialidades praticou, com mais assiduidade o «hockey» em campo. Primeiro no Ateneu, depois no Belenenses e no Carcavelinhos. Ultimamente no Atlético. Mas o ténis de mesa interessa-lhe sobretudo. E nesta série de entrevistas curtas que estamos publicando — com dirigentes, jogadores ou simples espectadores de todas as modalidades, um em cada uma — é de ténis de mesa que Baldomero Herrera Tavora vai falar.

.....
Espírito de iniciativa — que não cansa — o nosso entrevistado é o verdadeiro *sarilho* da secção acalista: o «faz tudo!» Organiza torneios internos, promove o gosto dos rapazes pelo «seu» desporto predilecto, divulga as regras mais elementares do ténis de mesa, interessando tudo e todos e fomentando o carilho pela prática de um dos mais curiosos jogos de salão que se conhecem.

— O ténis de mesa é um desporto triunfante. Posso afirmá-lo com plena convicção. Porque é a verdade. Contam-se por centenas os praticantes. De ambos os sexos. E de quaisquer idades... Mas isso só não basta! O interesse é grande, a movimentação desse desporto é excelente, no aspecto de propaganda e de expansão. Mas não basta, repito! É preciso «sair» do âmbito restrito das organizações oficiais nas várias regiões. Necessita-se fazer algo mais...

«Por exemplo: — provas consecutivas, entre clubes e nos próprios clubes. Cria escolas de aprendizagem e de aperfeiçoamento técnico, interessar — mas em larga escala — a criança e a mulher. Divulgar, em suma. A circunstância de se fazer ténis de mesa não quer dizer que se jogue ténis de mesa! Esta é a verdade...

«Estou interessado numa campanha: a introdução do jogo praticado em patins! É uma novidade. Uma ideia. Talvez um sonho... Acho que o ténis de mesa em patins ganhava em animação e em interesse, pela própria movimentação dos jogadores, obrigados a empregar-se com mais rapidez. E dir-se-ia: assim, uma oportunidade de renovação. É um sonho?! Talvez... Mas gostaria de ver o jeito que tinha! Por que não lança a «Stadium» uma campanha nesse sentido?! A ideia está posta: é só executá-la.

Herrera Tavora tem razão. Multissíma razão. O desporto precisa de novidade. E talvez a ideia vingue...

J. M.

STADIUM nos Açores

Festas desportivas entre militares

PONTA DELGADA, Setembro — O Desfalecimento Sanitário da 3.ª Companhia de Saúde de Lisboa, comemorou há pouco o primeiro aniversário da sua chegada a S. Miguel.

Para festejar tal facto, organizaram os seus componentes três torneios desportivos, nos quais tomaram parte várias equipas de diversas unidades da guarnição militar, e que consistiram de futebol, ténis de mesa e «volley-ball».

(Conclui na pág. 11)

FINDOU o torneio de «water-polo» organizado pela Federação Portuguesa de Natação com o patrocínio da nossa revista. Não fechoi, como se previra, com o encontro Algés (B) — Alhandra. Por desistência da segunda equipa do Sport Algés e Dafundo não se realizou o anunciado jogo — e o torneio limitou-se, por isso, a um só desafio, mas que constituiu excelente demonstração da bela modalidade desportiva que é o «water-polo». Nesse encontro coube a vitória ao S. A. D. por uma diferença de pontos que corresponde à sua categoria de antigo campeão nacional, ficando o Alhandra em segundo lugar.

Não vamos ter a vulgar veleidade de dizer que a iniciativa logrou êxito completo. Digitar-se-á, apenas, três inscrições, com dois clubes — por força de circunstâncias que já referimos. Mas existe um portador que devemos sublinhar: não deixou de se levar por diante o torneio — e, supremo objectivo, fez-se boa propaganda do «water-polo».

Várias épocas passaram sem que se promovesse qualquer campeonato ou sequer um jogo oficial. Quebrou-se, deste modo, com o nosso auxílio, a inacção de largos anos. Era preciso sair deste repouso, que nada justificava já, e movimentar o meio e os clubes. Desempenhámos de bom grado esse papel. No corrente ano, porque o assunto foi talvez preparado um pouco tarde, foram apenas três as inscrições e dois os clubes? Para o ano será melhor. Como satisfação para nós, basta a certeza de que ajudámos a fazer alguma coisa em prol do «water-polo». É necessário insistir. Por nossa parte — insistiremos.

Os encargos assumidos pela «Stadium» encontram-se liquidados com a entrega dos prémios, feita pelo nosso estimado director, na piscina de Algés. É portanto boa a altura para

A sedentariedade escolar

(Conclusão da pág. 3)

Verifica-se, pois, que o problema da educação física da criança adquire maior acuidade à medida que se torna mais dificultosa a sua formação mental. A educação física cabe não só um papel descongestionante mas também cooperador das actividades intelectuais, dando a forte influência dos exercícios físicos sobre a vida da inteligência e da alma.

Favorecer o crescimento físico da criança, em perfeito equilíbrio fisiológico, e satisfazer educativamente as suas necessidades de movimento, constituem preocupações instantâneas da moderna pedagogia. A ginástica, os jogos, os exercícios de iniciação desportiva, os trabalhos manuais, o câmpio, são, entre outros, optimos meios educativos, que permitem dar à personalidade infantil desenvolvimento integral.

É só assim a criança poderá vir a ser o homem social de amanhã, robusto, energético, activo, leal e corajoso, de carácter íntegro e inteligência sã, de que a Pátria tanto necessita para a sua defesa e engrandecimento.

Tal a formosa obra a realizar pela escola e organizações educativas da mocidade — obra que dependerá igualmente da mais lata compreensão e cooperação das famílias.

De Toledo a Lisboa

(Conclusão da pág. 4)

centa o capitão Laque com um sorriso — se tudo fôsse facilidades, a vitória não teria o sabor que teve!

«Demorou-se mais do que o tempo previsto. É que teve de remar-se, às mais das vezes, lentamente, pois a cada passo encontrávamos troncos de árvores, destroços, pedras ponteadas e perigosas, roupas dispersas, muitos cachopos à superfície e toros de madeira... Um verdadeiro suplício!... Trazíamos velas, é certo: mas só de uma vez pudemos utilizá-las! E durante uns dez quilómetros, já cerca de Vila Franca...

«Os rapazes, todos bons moços, animados e cheios de coragem, cumpriram fielmente a

repetirmos, afectuosamente, os nossos agradecimentos a todas as entidades que contribuíram para a realização do torneio: à Federação Portuguesa de Natação, pela forma como se dignou acolher e dar viabilidade à nossa sugestão a favor do ressurgimento do «water-polo»; ao Sport Algés e Dafundo, pela cedência amável da sua piscina e pela colaboração preciosa que trouxe com a sua inscrição e a oferta dos seus treinadores; ao Alhandra Sporting Clube, pela sua valiosa cooperação; e ao nosso bom amigo Gustavo Pereira da Costa, pela gentileza com que se prestou a dirigir o desafio entre o Algés e o Alhandra.

Nesta série de agradecimentos, incluímos, ainda os que devemos aos clubes que, não podendo, por motivos diversos, tomar parte no torneio, tiveram a amabilidade de nos comunicar quanto os contrariava tal facto.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — O Sporting promoveu mais um torneio para sócios e simpatizantes, que teve os vencedores seguintes: Artur Dias, 33 s. em 250 metros; Manuel Franco, 6 m. 32 s. em 2.000 metros; António Viegas, 24" 95 no lançamento do disco; e Joaquim Silveira, 5" 70 no salto em comprimento.

BOXING — No Campo Pequeno efectuou-se anteriormente a sessão internacional para reaparelhamento do moçambicano Carlos Wilson, antigo campeão nacional dos «leves». No próximo número faremos referência pormenorizada a esta reunião, acompanhando a crítica geral com a habitual reportagem gráfica do acontecimento.

A homenagem a Silva Kuito, no Estádio Mayer, foi transferida para depois de amanhã — com um programa atraente e em que se incluem alguns antigos «boxeiras» amadores e profissionais.

No Estádio Mayer haverá hoje a última sessão da época, com Sória-Licínio e Garcia-Correia.

CICLISMO — Disputaram-se no domingo três provas: o II Circuito da Codicêira (Sintra), em três voltas, no total de 120 quilómetros; o rallye do Benfita e, no Porto, o I Critério de Miramar.

FUTEBOL — Alguns resultados dos campeonatos regionais: *Açores*: Oliveirense-Sp. Espinho, 1-1; União de Lamas-Beira-Mar, 10-1; Sanjoanense-Ovarense, 10-1. *Castelo Branco*: Sp. Covilhã-Covilhãenses, 6-1. *Portalegre*: S. L. Elvas-Everense, 8-2. *Santarém*: Académica-Leões, 3-1. *Operário*: V. F. Aguias, 2-1. *Vizosa*: S. L. Viseu-Académico, 3-2.

«HOCKEY» EM PATINS — Últimos resultados da «Taça de Honra 1933», cujo torneio concluiu hoje: Paço de Arcos-Cascais e Taboços, 4-2 e 1-0; Futebol Benfica-Benfita e Cascais, 5-0 e 2-1; Ligeiros-Taboços, 6-4; Ateneu-Sporting, 5-1; Hockey de Sintra-Campo de Ourique, 3-1; Sporting de Oeiras-Académica da Amadora, 3-2.

Comemou a disputa no Fôro, a «Taça de Honra 1933», com os resultados seguintes: Académico-Carvalhos, 4-3; Estrela e Vigorosa-Académica de Espinho, 4-1.

HOMENAGENS — Em Mafra efectuou-se uma festa de homenagem à Câmara Municipal do concelho. Houve demonstrações de «basket-ball» feminino (At. Ferrovias e Desp. Mafra), de ténis e patinagem artística, e um jogo de futebol, em que o Atlético da Malveira derrotou o Desportivo de Mafra por 4-0.

Fêz no domingo dois anos que morreu José Manuel Soares (Pepe). Por esse motivo houve uma sentida homenagem ao título daquele malogrado desportista.

TÊNIS — O mexicano Segura ganhou o campeonato internacional do México, derrotando, na final, o americano Albert, por 6-2 e 3-6. Outros vencedores: Irmãos Vega (Armando e Rolando), em pares-homens; Paulina Iolz, em singulares-senhoras; Luisa Brough e Margarida Osborne, em pares-senhoras.

TIRO — Continuarão as provas do «Jubileu de Ouro» da Sociedade de Tiro n.º 2. Antontem, o chefe de Estado após, no estandarte da colectividade, as insígnias da Ordem de Cristo, e inaugurou, nos estílios da Emissora Nacional, a exposição do troféu.

missão que se impuseram. Grato, por isso. As canoas mostraram, apesar de tudo, resistência. Bons resultados, é verdade. Foi uma experiência que me deu — e a eles! — plena satisfação, e a convicção de que estas viagens podem ter continuidade. Utilíssima, aliás, como intercâmbio desportivo entre dois povos vizinhos e ainda como expressão da nossa mútua amizade.

A fechar, informe-se da actividade desportiva de alguns destes universitários espanhóis que estiveram entre nós. Além do chefe da equipa — todos eles são madrilenos e cultivam os desportos náuticos, com frequência — temos: tenente Paniagua, da equipa de *rugby* de Madrid; Iglezias, internacional de *rugby*; Merino, campeão de Castela de *hockey* em patins; Aróstegui, da equipa de *hand-ball* de Madrid; Magarinos, campeão castelhano do lançamento do martelo e «recordman», em 1934.

Eis, portanto, um bom punhado de desportistas e de campeões. Não admira, pois, que a empresa náutica de agora — embora difícil! — tivesse bom êxito!

O Alhandra Sporting Clube completa, dentro de pouco tempo, vinte e dois anos de existência, pois foi fundado no dia 1 de Dezembro de 1921. Vai, porém, para sete anos que a simpática agremiação ribatejana se guindou, dentro da natação portuguesa, a lugar de primeiro plano. E especialmente de 1938 até à data, o domínio nas provas de meio-fundo e fundo, quer em piscina quer no mar, pertence-lhe de maneira absoluta.

O Alhandra veio, assim, substituir outros clubes com tradições fundas dentro da modalidade, que a pouco e pouco se foram desintressando e que também a pouco e pouco acabaram por desistir. Satisfaz-nos registar que o clube ribatejano os tem substituído da melhor maneira possível.

Terminada, como está, a época natatória de 1943, na qual o Alhandra ocupou mais uma vez lugar de relêvo, é de inteira justiça e oportunidade que se lhe dediquemos algumas palavras.

As primeiras provas e os primeiros triunfos

Arquívemos esta data: 11 de Agosto de 1935 — dia da inauguração da piscina do Alhandra Sporting Clube. Nesse mesmo ano efectuaram-se cinco festivais de natação, um deles com a colaboração do Sport Lisboa e Benfica e do Clube Sportivo de Pedrouços. Passaram então pela piscina do Alhandra equipas representativas do Sporting Clube de Portugal e do Grupo Sport Adicense.

Foi, no entanto, em 1933 que o nome do Alhandra surgiu, pela primeira vez, em grande plano. Joffre de Carvalho — quasi um desconhecido — chega em quarto lugar na «Travessia do Tejo», e a equipa de «principiantes» arranca um belo triunfo. Na época imediata, 1937, Joaquim Baptista Pereira — que também surgiu de um momento para o outro — apôs-seu-se do «record» dos 400 metros livres, percorrendo a distância em 5 m. 50 s. e 2/5.

O Alhandra era já um grande clube de natação. De então para cá, os triunfos registaram-se-lhe uns após outros!

Dois nomes: Baptista e Joffre

A partir de 1933, Baptista Pereira e Joffre de Carvalho, mercê da superioridade inconteste que têm revelado nas provas da sua especialidade, tornaram-se os melhores «embalhadores» do Alhandra.

Fazendo alarde de regularidade notável, Baptista Pereira triunfou nos seis últimos campeonatos nacionais de 400 e 1.500 metros livres, sendo «recordman» desta última distância, com o «tempo» de 21 m. 58 s. e 1/10, conseguido nos nacionais de 1941, em Coimbra. E nestes mesmos anos, à excepção do 1940, foi o vencedor absoluto da «Travessia do Tejo», prova em que conta, portanto, cinco vitórias. Atrás dele, Joffre de Carvalho — que já foi «recordman» dos 300 metros livres — tem sido normalmente o segundo classificado, com regularidade igualmente digna de nota.

Na última temporada, Baptista Pereira mostrou, também, boas qualidades para as provas de velocidade pura e — caso curioso — para as provas de estilos, tanto de «costas» como de «mariposas», especialidade esta que pratica com admirável energia e rendimento.

Assim se tornou um nadador eclectico, o que, se por um lado é interessante, por outro talvez o prejudique, com vista à melhoria de «tempo».

Em resumo: o Alhandra conta dois autênticos campeões, dispostos a manter com galhardia a posição que o clube ocupa no panorama geral da natação portuguesa.

Natação e «water-polo»

Em Alhandra existe o gosto pela natação. Esse interesse dos alhandrenses pela modalidade é mesmo anterior aos triunfos conseguidos pelo Alhandra Sporting Clube. Só assim se explica que surgissem campeões quasi de

COMBATES E ARBITRAGENS

Notas de RAFAEL BARRADAS

TIVEMOS necessidade de criticar recentemente, nas colunas da «Stadium», a maneira como têm sido dirigidos os combates de boxing.

Nessa ocasião ainda não tínhamos presenciado as lutas travadas pelos valentes moçambicanos Carlos Gomes e Júlio Neves, contra Padrón Rysko e Figueiredo II, lutas que só não degeneraram em dramas graças à divina providência, que tão oportunamente veio socorrer os vencidos...

Qualquer pessoa, até ignorante do que seja um combate de sóco, ter-se-ia apercebido do esgotamento físico considerável, quer de Neves, quer de Gomes, bem como do perigo mortal possível que ambos corriam se continuassem sendo tão vigorosamente socoados. Só os árbitros, de facto as creaturas mais indicadas para intervir, encarregados pelo regulamento da F. P. B. de interromper o jogo se a inferioridade manifesta de um pugilista se tornar patente, não deram pelo estado dos homens — ou, se deram, hesitaram e não agiram de acordo com as circunstâncias, suspendendo uma pugna desigual.

Nós tínhamos, por conseguinte, procedido com acerto ao escrever o artigo «Combates e Arbitragens», pondo em foco o modo assaz inseguro dos directores de combate, cujo trabalho no ring não fora dado ver. Prevendo futuros erros, prometemos não largar o problema dos arbitragens e dissemos que voltaríamos a desenvolver o assunto, pois, além de oportuno, é indispensável.

Principiaremos, hoje, repetindo a síntese das qualidades requeridas para o cabal desempenho do ofício de árbitro:

1.º — Conhecimento profundo das regras do jogo;

2.º — Observar muito bem os actos dos jogadores;

3.º — Ser enérgico e pronto nas decisões.

O conhecimento profundo das regras do jogo é atributo compreensível. Em qualquer desporto, o juiz da competição tem de estar senhor das menores disposições regulamentares que devem acudir-lhe à mente sem esforço. No caso do boxing, em que as regras do jogo são pouco expressivas, torna-se indispensável ampliar o texto das mesmas. Por isso, e para melhor facilidade de exposição, passaremos a descrever os principais actos de um director de combate, citando as disposições regulamentares que lhes dizem respeito.

Assim, quando o árbitro sobe ao ring, o que deve fazer depois dos jogadores, analisará os trajes que levam vestido. Diz o art. 86.º do regulamento da F. P. B.: «o traje deve ser decente, os sapatos ligeiros, sem pregos na sola, e o calção, não transparente, vai até meio da coxa». O objecto protector do baixo ventre é de uso obrigatório e não são permitidas unturas no corpo ou na cara. Tudo isto o árbitro deve observar e, em geral, não o faz bem. Por

repente. E esse gosto pela modalidade explica-se pelo facto de Alhandra estar debruçada sobre o Tejo...

A piscina veio, no entanto, facilitar grandemente a natação desportiva, permitindo a realização de festivais, muitos deles em colaboração com colectividades lisboetas.

Este ano, por exemplo, o Algas e Dafundo, o Nacional, o Atlético e o Estoril Praia exhibiram-se em Alhandra. E lá se efectuaram, também, várias tentativas com vista ao estabelecimento ou melhoria de diversos «records».

Todavia, não só a natação pura interessa aos alhandrenses. A prática do «water-polo» têm dedicado ultimamente boa parcela de actividade. O Alhandra tem o seu «team» de «water polo», que já se exibiu por diversas vezes, a última das quais em Algas, a quando do «Torneio de Preparação» que «Stadium» patrocinou.

Acabada como está a época natatória, durante os seis meses que vão seguir-se o nome do Alhandra não andarão nos títulos das notícias. Mas voltará depois — na altura própria.

exemplo: os calções dos homens não, em regra, demasiado curtos; o protector do baixo-ventre não se traz; a cara vem untada com vaselina, etc.

Na impossibilidade de fazer mudar de calções ou de colocar o protector, para evitar perdas de tempo, deve informar a F. P. B., no boletim do combate, da respectiva falta.

Em seguida, analisa as ligaduras. Diz o art. 83.º: «as ligaduras devem ser iguais para os dois pugilistas, ter 2 metros de comprimento por 4 centímetros de largura e ser feitas de tecido mole».

O texto, aqui, é insuficiente, pois deveria acrescentar: devem estar secas e não apresentar sinais de terem sido umedecidas. Igualmente o tamanho das ligaduras é inferior ao necessário. A conhecida fábrica de artigos desportivos americana, Everlast Sporting Goods Mfg. Co., vende duas qualidades de ligaduras, regulamentares nos Estados Unidos: uma com 2,73 metros (3 jardas), e outra, elástica, com 4,73 metros (4 jardas e meia).

O conhecido treinador americano Edwin L. Haislet, da Universidade de Minnesota, declara que «a melhor protecção das mãos é o uso de uma ligadura de gaze com 9 metros por 5 cm.» (10 jardas por 2 polegadas). Achamos demais, mas falta-nos a competência do famoso treinador para discordar da sua opinião, feita de larga experiência universitária.

Mas voltemos ao nosso caso. O regulamento da F. P. B. não o diz, mas é indispensável acrescentar ao art. 83.º: «as ligaduras não deverão ser enroladas sobre si mesmas, isto é, torcidas, pois, em lugar de defenderem os ossos da mão, ajudam a fracturá-las».

Seguidamente, o director de combate observa se as luvas são novas, iguais em fabrico e em peso.

Chamando ao centro do quadrângulo os auxiliares principais (ou segundos) tira à sorte a distribuição das luvas, cabendo ao que ganhar o lançamento da moeda a escolha do par que entender.

Colocadas as luvas, chamará os jogadores ao meio do ring para lhes repetir, em «íntese», as principais regras. Um «catecismo», que nós julgamos bem redigido e suficiente, é do seguinte teor:

1.º — As minhas ordens, dadas em voz alta, devem ser rapidamente obedecidas; o caso contrário significa uma falta.

2.º — É proibido agarrar com uma das mãos e socar com a outra, ou agarrar sem bater.

3.º — O jogador que tiver um braço travado ou agarrado pode bater com o outro.

4.º — É proibido bater com a mão aberta, com o antebraço ou cotovelo, abaixo do umbigo, nos rins ou na nuca. O golpe com rotação do corpo («pivot-blow») é igualmente proibido, bem como o pontapé, joelhada ou cabeçada.

5.º — É proibido bater num homem caído no solo ou que não está de todo levantado.

6.º — Durante o corpo-a-corpo, o pugilista que prende não pode bater no adversário. Se o fizer, será repreendido publicamente — e desqualificado depois de duas repreensões (aviso) públicos.

7.º — À voz de separar, os jogadores devem fazer-lhe dando um passo à retaguarda e durante esse movimento não podem socar-se.

Nestes sete mandamentos estão condensados os arts. 103.º, 104.º, 107.º e 108.º. Por eles se vê desde já, que o árbitro tem de observar a acção atentamente para poder, num momento, intervir sem hesitações. Também se evidencia quão fora do regulamento é o hábito que os nossos directores de combate têm de passar entre os jogadores e de os empurrar com as mãos.

Proferido o «catecismo», os jogadores vão para os respectivos cantos e aguardam o som do timbre ou «tam-tam» («gong») marcando o princípio do assalto.

O papel do árbitro, durante o jogo, é assunto para outro artigo.

AO ABRIR A 2ª VOLTA...

o Belenenses BATEU COPIOSAMENTE o Sporting

num jogo que decorreu com a maior vibração!



O 4.º goal, do Belenenses, feito por Mário Coelho

(fotos Nunes d'Almeida)



Cardoso corta uma avançada do habilidoso Rafael



Como o ataque dos "azuis" — pleno de entusiasmo e vigor — se bateu com a esforçada defesa dos "leões."



José Pedro bate a defesa do Sporting e vai apontar o "goal" do empate



A E. N. está sempre presente



Feliciano protege Salvador da entrada de Gomes da Costa e Peyroteo



ATLÉTICO-FÓSFOROS:

Duas fases fixadas no jogo de Domingo na Tapadinha

(fotos C. Medeiros)

ESTÁ EM JÓGO UM TÍTULO...

GRANDE ÉPOCA! PROGRIDE-SE!

Nas três lutas da 6.ª jornada desenvolveu-se bom jogo e jogo equilibrado

Comentários de TAVARES DA SILVA

COMO as coisas são! Os campeonatos de Lisboa, apesar do manifesto e tradicional desânimo de valores dos *teams* que nelas tomam parte, costumam vulgarmente resolver-se no último dia do calendário, isto é, mesmo quando a competição, já moribunda, está prestes a exalar o último suspiro. Afinal de contas, na época que decorre, os seis «músicos» não se afastam muito do mesmo «climor» — a tudo indica já que o problema esteja solucionado.

A pesar-disso, não se poderá tirar daqui outra conclusão senão aquela que nos diz que o Belenense se encontra em forma brilhantíssima, colhendo agora, e muito justamente, a alegria que não é mais do que a lógica resultante das tristezas do passado.

Na 6.ª jornada, observada em conjunto como vem sendo nosso hábito, verificam-se os seguintes tópicos: 1.ª, lutas equilibradas nos três campos, porventura mais iguais — o que não deixa de ser curioso — no Tapadinha e no Campo Grande do que nas Salésias; 2.ª, acentuada melhoria do jogo, particularmente em destaque no terreno de Belém; 3.ª, capacidade dos grupos no sentido de resolverem, num instante, à base da energia, ou por inspiração pessoal, os problemas que os desafios sempre comportem.

A renovação do Sporting

Há uma condição indispensável para o êxito da renovação sportinguista que, mais mal do que bem, se está operando. Que a massa associativa nunca deixe de confiar no seu grupo. Sabemos que isto é muito difícil. Mas são precisamente estas coisas que distinguem os grandes clubes. Um *team* é sempre uma expressão de clube. Ainda que haja exemplos em contrário. Sabemos de *teams*, com assento na Associação de Lisboa, que, apesar de todos os seus esforços, não passam de um conjunto de onze jogadores, não sendo por enquanto uma expressão clubista, ou um clube, afinal. Não é, porém, impunemente que o Benfica e o Sporting mantêm o primado.

É evidente que a renovação da que se fala, e que temos apontado com interesse, pelo seu melindre e dificuldades, deve ser levada a cabo com todas as cautelas. A primeira vista parece que é fácil indicar um nome qualquer e pô-lo a jogar pela primeira vez, em experiência. Trata-se, no entanto, de uma coisa difícil e por vezes decisiva.

Em princípio, os treinadores são as pessoas mais indicadas e mais aptas, pelo conhecimento exacto que têm da actuação dos jogadores em treino e de tantos pormenores desconhecidos de toda a gente, para tentar toda a casta de experiências, adoptando ao mesmo tempo as mais diferentes táticas.

Infelizmente, os casos de má visão e falta de inteligência dos treinadores são mais abundantes do que seria para desejar. Não lembraria a ninguém — só ao treinador do Sporting ou lá a quem foi! — tentar a experiência da fragilidade de Gomea da Costa com o conhecimento prévio de que ela encontraria pela frente a dureza de Serafim. Nem tampouco a adopção de um plano que, nas suas linhas gerais, tudo sacrificia à ideia da defesa, como se tivesse alguma importância, nas hipóteses como a de domingo, perder por um ou por meia dúzia de *goals*. De resto, sempre nos quis parecer que *team* marchando para o campo com a ideia da defesa é grupo com disposição para a derrota.

Porventura a «afirmação» da época

Quasi nos convencemos em definitivo que um grande astro despontou no firmamento.

Talvez a sua figura passe despercebida ao primeiro relance. Quando nos afirmamos bem, contudo, na rapidez da sua intervenção e do pleno domínio da bola, nas condições mais difíceis, no seu galope, característico dos extremos, e nos seus remates sempre com a bola a subir, — compreende-se facilmente que, ali, naquele lugar de extremo-esquerdo do Sporting, está *alguém*. Porventura a melhor afirmação desta época.

Porque há outros valores novos no Sporting que não são para deitar fora. É o caso de Virgílio Jesus, a quem falta suficiente força física. De Eliseu, soberbo no aspecto defensivo. Meado de A. Marques, que no passado domingo se afundou, mais por culpas alheias, culpas que veem de cima, do que próprias. Curioso: apesar da descrença geral neste rapaz, e da sua inferioríssima exibição nas Salésias, continuamos a julgar — quem sabe se erradamente... — que está ali um jogador de alto a baixo que não encontrou ajuda o seu sítio, nem a sua colocação, nem o seu sistema. É mais uma vez nos ocorre dizer que não se pode exigir aos jogadores aquilo que eles não são capazes de fazer.

O caso de Peyroteo começa a alarmar

O caso de Peyroteo brada aos céus. Exige pronto remédio. Quando não, ao acudir-lhe, já não há «medicamento» capaz de sarar o mal. Por várias vezes temos dito que, para o tipo de jogo «peyroteano», se tornam necessários interiores que saibam lançar o avançado-centro em perpendicular. E a gravidade da questão reside precisamente nisto: na impressão colhida, mais forte que noutras ocasiões, de que o malôro deste avançado-centro e o seu afundamento em Belém não se pode filiar na incompreensão dos homens do lado. Porque os referidos *golpes em perpendicular* sucederam-se em número suficiente, nas Salésias, para que se visse o poder de remate de Peyroteo. Uma coisa que incompreensivelmente não se viu!...

E não só não se viu esse remate (quem o seu inimigo poupa, os mãos lhe morre) como não se descontinua em toda a partida um lance próprio de um avançado-centro digno desse nome. Peyroteo nunca foi à bola. Fugiu dela. Em vez de castigar — foi castigado. Batido em todos os momentos por Feliciano — que está longe de ser um jogador de subtilidades — actuou sempre da mesma forma e feito, como que procurando o raio de acção da defesa contrário. Por gosto de ser vencido na disputa. Parece que o que estava indicado — atentando o que lhe estava a suceder — era deixar-se atresar tanto quanto necessário para, colaborando com os companheiros, desorganizar o bloco da defesa adversa. De resto, há mais processos para o mesmo fim. Mas em todos eles, o jogador tem de ver a bola, dispor de azas nos pés, não aguardando pacientemente um falhanço — que muito bem pode nunca mais chegar. E nas Salésias não chegou...

O Belenense é o melhor de todos!

O caso belenense dá honra e glória ao futebol de Lisboa. Não o julgamos um *team* invencível. Até pela simples razão de que, em futebol, nem sempre o melhor ganha. Não há grupos invencíveis, por assim dizer. Vence o que marca os *goals*, e este produto tão raro

nasce algumas vezes do acaso ou de circunstâncias simplesmente fortuitas. O *team*, mesmo, quando passa da relva para o terreno duro, como é lógico, acusa uma pequena diferença de mérito. Em todo o caso, e isso é que interessa, reputamo-lo presentemente o melhor grupo português, constituindo um futebol limpo, geométrico, de singular beleza.

Em Portugal, os grandes habilidosos da bola raramente foram e são homens corpulentos, mas sim rapazes de estatura média — mais baixos do que altos. Os corpulentos têm geralmente pouca habilidade. Ainda na defesa passam, compreendendo-se que assim seja, porque nesse pósto não é absolutamente indispensável o perfeito domínio da bola, chegando a intervenção dura, rápida e oportuna e forte pontapé.

Pessoa nossa amiga, e conhecedora do futebol inglês, dizia-nos outro dia que essa é, precisamente, a sua vantagem. Avançados mais altos e largos do que Peyroteo, com a habilidade de um Vitor Silva!

Ora o Belenense apresenta-se assim, como sejas: Uma defesa veloz e com a força física de um Feliciano, um lutador ao rabro. Três médios combativos, sempre na brecha, que suprima, pela energia rude, a falta de outros requisitos, como seja o trabalhar bem com a bola. Cinco avançados, tipo nacional de futebolista, que, tendo a força física suficiente, revelam habilidade endiabrada e artística em tudo que fazem. São jogadores que gostam de estar com a bola nos pés, como que acariciando-a, e não jogadores que gostam, como tantos outros, de desembaraçar-se o mais rápido possível do esférico, dando a outro a responsabilidade que lhe cabe. De M. Coelho a Rafael — que habilidade (seria imperdoável) que esquecemos Franklin! Ora, ainda por cima, os cinco *artistas* estão inteligentemente integrados num sistema que conhecem e aplicam, procurando tirar dele os maiores proveitos. Tirando mesmo todo o proveito!

Podíamos, após estas palavras, e mais uma vez, fazer várias considerações à volta de um eterno tema do jogo — a sorte. Mas até parecia mal que o fizéssemos. Pondo completamente de lado esse estranho factor, é preciso dizer-se que, nas Salésias, não ganhou o melhor dos dois, mas ganhou o melhor de todos — aquele que nos obriga a tirar o chapéu à sua passagem, na salvação que se deve ao campeão. Porque assim já o podemos considerar. Embora o jogo seja jogo...

Os encontros têm 90 minutos de duração

A dez minutos do fim, o Unidos ganhava, no Campo Grande, por 4-3. O resultado — segundo todas as informações — era justo. Porque o grupo desenvolvia desde o primeiro instante um esquema ligado de jogo, com a necessária coesão e em exploração dos pontos mais vulneráveis do seu antagonista.

Pois quando se chegou ao fim — já na primeira volta sucedera mais ou menos o mesmo, aviso lançado no cesto dos papéis inúteis... — era o Benfica que vencia, e por 5-4.

O fenómeno é frequente, em futebol.

Pedro Escartim, o conhecido *referee*, observa bem a questão ao referir:

«É sempre muito difícil convencer os jogadores — e falamos em termos gerais — de que os encontros de futebol têm noventa minutos de duração, e que não existe uma vitória segura senão quando o apito do árbitro indica o fim do jogo. Coisa tão nitida e vulgarmente esquecida por parte dos jogadores, e isso constitui a causa, por vezes, de derrotas imerecidas.

Porque o caso é tanto mais para pensar quanto é certo o seguinte: 1.º, que o Unidos conseguira transformar um resultado de 1-3 em 4-3 — o *team* que sobe desta maneira tem logicamente a vitória assegurada; 2.º, que o Benfica se encontrava manifestamente «handicapado» pelas lesões de Jaime e Galvão, o segundo em campo só para fazer número, os quais obrigaram a arranjo de oportunidade.

Porisso tem sabor de coisa nitidamente benfiquense o que se passou com o Benfica. Todo o *team* actuando como um só corpo

e uma só alma na altura decisiva. Quasi não se destacando qualquer elemento, individualmente considerado. Todos cumprindo a sua obrigação. E o empate apareceu. E do 4.º ao 5.º goal — foi um salto. A dois minutos do fim, o grupo do Benfica, ante um adversário que não soube empregar a tática da defesa do período em que a defesa se justifica inteiramente, podia dizer com a consciência tranquila: *Acreditamos firmemente em que querermos poder. Não se podia fazer mais...*

O Atlético tem respiração por 90 minutos.
O Fósforo progride

A vitória do Atlético não surpreende! Não é bem assim. Surpreende um pouco pela demonstração feita de que a equipa, acusada, e com certa razão, de falta de preparação física, isto é, de fundo suficiente para suportar, do princípio ao fim, noventa minutos de luta aguerida e sem tréguas, — fez a demonstração clara da sua aptidão física. Pelos vistos, na Tapadinha, verificou-se não ser suficiente, para a conquista da vitória, que o Atlético jogasse mais, tecnicamente, do que o adversário. Mas que jogasse também de dentes cerrados até o último instante. Resta apenas saber se o particular estado emotivo da Tapadinha favoreceu a resistência daquela que vai muito bem no quarto lugar. Quere dizer: importa considerar se a equipa fora de casa continuará com o oxigénio suficiente para a hora e meia. Em caso afirmativo, não há dúvida: temos equipa séria.

O caso do Fósforo também se apresenta sintomático. Uma valiosa unidade que se integra no movimento a favor do jogo, que temos referido e caracterizado. A equipa está a traçar uma linha de evolução, lógica e ordenada, subindo sempre. A verdade é que os resultados não têm até dado uma ideia justa dessa evolução. Com um pouco mais de sorte, o Fósforo já se teria libertado definitivamente do último posto — uma espada que pesa sobre a sua cabeça...

Porque o grupo já se dá ao luxo de coisas tais como seja a construção de lances de conjunto no ataque, consequência do acerto da linha medular, que francamente merece a nota de «bom». Ora o que custa é chegar a este estado. Do «bom» para cima, a escalada é mais fácil.

Os números falam...

Quanto às posições, a classificação geral não sofreu alterações, verificando-se somente maior distância entre o Sporting e o Benfica, e menor entre o Sporting e o Atlético.

1.º *Benelenses* 18 pontos (6 vitórias em 6 desafios, 28-7 em bolas). 2.º *Benfica* 15 pontos (4 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 25-15 em bolas). 3.º *Sporting* 13 pontos (3 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 17-18 em bolas). 4.º *Atlético* 12 pontos (3 vitórias e 3 derrotas, 21-23 em bolas). 5.º *Fósforos* 8 pontos (1 vitória e 5 derrotas, 11-27 em bolas). 6.º *Unidos* 6 pontos (6 derrotas em 6 desafios, 14-28 em bolas).

Não é só a pontuação que destaca o Benelenses. Também o n.º 1 em goals marcados. E o do mesmo número em goals sofridos. Caspitê!

Um artista que regressa aos campos

Depois de dois anos de afastamento — que saudades! — Guilherme Espírito Santo, um dos artistas do jogo mais apreciados, volta ao campo aos ombros dos seus camaradas. Tal é o seu poder e prestígio que, no domingo, no jogo da reserva, todos os olhares convergiam para a sua esbelta figura de atleta. Lá o fomos também ver.

Esírito Santo não se empregou a fundo. Jogou com simplicidade. Como ele próprio é. Mas que disposição de grande jogador revelada em tantos pormenores: nos centros de bandeja, nos toques de cabeça (um dos egos!), nas pequenas fugas, no sentido de colaboração. Em tanta coisa. Que Deus lhe ponha a virtude — conservando o durante muito tempo em actividade. Que há, mesmo, jogadores que, não alinhando, nunca deixam de jogar!

Assine a revista

«STADIUM»

OUTROS TORNEIOS DE FUTEBOL

NA 2.ª DIVISÃO DE LISBOA

TERMINOU no último domingo a primeira volta do Campeonato da II Divisão da A. F. L.

Os quatro desafios da última jornada forneceram os seguintes resultados:

Chelas-F. Benfica	2-1
Operário-Olivais	1-1
Estoril-Marvilense	4-0
Sacavenense-Casa Pia A. C.	4-2

Estes resultados não modificaram o «panorama» da competição. Continua a existir um clareiro isolado dos restantes concorrentes e estes continuam a ajudá-lo na sua carreira. Ainda no domingo isso sucedeu, pois o Estoril, a jogar em casa, ganhou mais um ponto para a classificação... no campo do Chelas.

Com vista aos lugares de honra e que tudo se mantém complicado, a fornecer o interesse da competição. A meio da prova, os clubes estão assim ordenados:

1.º Estoril Praia, 21 pontos; 2.º F. Benfica, 15 p.; 3.º Chelas e Sacavenense, 14 p.; 5.º Marvilense e Operário, 13 p.; 7.º Casa Pia A. C., 12 p.; 8.º Olivais, 10 p.

No domingo nenhuma das equipas que jogava em casa saiu derrotada da luta. Mas duas não conseguiram melhor do que empatar, valorizando, assim, a acção dos visitantes e — vamos lá! — contrariando os vaticínios.

O desafio de Chelas previa-se o mais equilibrado da «ronda». E o resultado não desfez a previsão. Os chelenses não evitaram que o adversário fizesse 1-0; este julgou a vantagem preciosa, defendeu-se arduamente e os donos da casa tiveram de empregar-se a fundo para não serem derrotados.

O Operário nem sempre alcança os resultados que mais se ajustam à sua exibição. Por vezes, ganha depois de ter sido inferior; outras ocasiões não vence depois de se mostrar melhor do que o adversário. O empate de S. Vicente é lamento para os olivaisenses. O Operário foi mais regular de princípio a fim; e os concorrentes só depois do intervalo deram réplica condigna.

O Estoril Praia não correspondeu ao que dele se esperava. Criou responsabilidades e, agora, uma tarde de má inspiração merece logo reparos. A equipa jogou abaixo do que pode e sabe e o Marvilense forneceu a indicação de que está a melhorar.

Sacavenense e casapienses lutaram com energia e entusiasmo. E a prova dos visitantes, de o. g., passaram para 3-2. Mas a crítica não regista o merecimento da vitória do grupo de Sacaven, talvez mais regular durante todo o desafio. — ZÉ DO PEÃO.

NO PORTO

EMBORA mais modesta, a vitória dos azuis-brancos sobre o Académico não deixou dúvidas quanto ao valor da turma vencedora. É certo que os 5-0 podem enganar quem não tiver visto o jogo. Demais que os números do 1.º tempo — 4-0 — deixavam indicar que o resultado seria estrondoso e desanimador para o grupo do Lima. Não foi assim. Na 2.ª parte os brancos lutaram com animo e afinco, conseguindo, por vezes, dominar o antagonista, progredindo bem sobre as balizas contrárias. E se o F. C. Porto retirou do rectângulo intactos, isso deve-se à pouca sorte dos remates acadêmicos, e, ainda mais, ao emburramento dos dois ou mais jogadores faziam, na ansia de disputar a bola. Isto junto à soberba parceria de defesas do F. C. Porto — que apresentou aqui Gil e Camilo, este cada vez a mostrar melhor, a ponto de ser imbatível no jogo de cabeça — deu a derrota do Académico.

«Stadium» nos Açores

(Conclusão da pág. 6)

provas que se disputaram, respectivamente, no campo de jogos da Casa do Povo dos Arrifes, nas salas do Liceu Antero do Quental e no campo de jogos do Destacamento Sanitário.

Nas finais dos encontros, que foram seguidas com o maior interesse, notou-se a presença dos representantes dos srs. general-comandante militar dos Açores e brigadeiro-comandante militar de S. Miguel, além do elemento militar e do muito povo, que ocorreu sempre em massa aos vários jogos que se disputaram.

Venceram os torneios as seguintes equipas: **FUTEBOL** — 1.º — G. B. O. do R. A. L. n.º 3 — taça «General Aníbal Valdez Passos e Sousa»; 2.º — B. E. do R. I. n.º 16 — taça «Major-Médico António de Oliveira Zuquete»; **TENIS DE MESA** — 1.º — G. A. C. A. n.º 4 — taça «Brigadeiro Joaquim Maria Neto» e medalhas aos respectivos componentes; 2.º — B. E. do R. I. n.º 3 — taça «Comandante do D. S. Capitão Médico Francisco Bicu de Medeiros».

VOLLEY-BALL — Batalhão Independente de Inf. n.º 18 — Taça «Capitão Francisco Baratas».

Pelo brilho com que decorreram as festas comemorativas do aniversário merece felicitação respectiva comissão organizadora, constituída pelos srs. capitão médico Francisco B. de Medeiros, presidente honorário; tenente José Maria dos Santos, presidente efectivo; sargento António Baptista da Fonseca, tesoureiro; 1.º cabo Fernando da Conceição Costa, secretário; alferes Eduardo Moreira e soldado Porfírio Augusto Cabral, vogais.

Os salgueiristas venceram uma grande dificuldade. O seu jogo com o Boavista poderia cortar as esperanças do grupo. Mas, embora a perder na 1.ª parte, souberam recuperar a tempo — e de tal maneira que saíram vencedores, por 2-1. E um triunfo pouco expressivo, na sua opinião para lhes dar relativa confiança — para — enfrentarem o seu pior jogo, aquele que os porá frente a frente com o Leixões, em Matosinhos.

Está o Salgueiros em franco caminho para ser o «segundo» do distrito, o que equivale à entrada no torneio máximo, a que tem jds.

Os leixões continuam infelizes. Desta feita foi o Leixões que os dominou, também pela tangente — 1-0 vitória difícil, obtida no final.

Por este resultado pode-se acreditar que o Leixões não está em maré de rosas, e que as suas aspirações ao 2.º lugar estão muito mal definidas.

Será que tudo se conjuga para favorecer o Salgueiros? Entretanto, ceteris paribus, as coisas... — MÁRIO AFONSO.

EM COIMBRA

PENAS o União tem feito «sombra» aos campeões crónicos da região: a Académica. Nem parece o mesmo grupo do ano passado, pois a sua melhoria acentua-se de jornada para jornada, notando-se que a colaboração do Laborinho — ex-Olhaneense — tem sido proveitosa e utilíssima ao «team» e ao torneio. Quere dizer: de um lado, estudantes e unionistas; do outro, os restantes...

O campeonato de 1933-34 ganhou interesse, em relação aos anteriores, só porque um clube tem sabido competir com a Académica. Até quando? É o que importa saber-se. Não basta de nada, porém, que este torneio é o mais animado dos últimos anos. No quadro de classificações, temos: Académica, 18 pontos e 4-0-6; União, 15 e 3-2-1; Anadia, 12 e 0-2-3; Naval, 10 e 6-2-3; Lusitânia, 9 e 12-2-1; Sport, 7 e 10-3-0. Vê-se, portanto, que os estudantes e unionistas aparecem distanciadíssimos e com «goal-average» favorável, enquanto os quatro restantes andam muito longe, embora o Anadia tenha, talvez, probabilidades de ir ao segundo lugar.

Na primeira «saída» do segundo turno da competição, registaram-se os resultados seguintes: Académica-Naval, 6-1; União-Lusitânia, 3-1; Anadia-Sport, 2-1. Nada de novo, por consequência! Os estudantes, indo à Figueira, arquivaram mais um triunfo — e o União, em casa, venceu os seus rivais. O Anadia, claro, ganhando ao Sport, beneficiou da derrota da Naval, para se isolar no terceiro posto. E agora, espere-se pela próxima jornada; a ver o que dá... — M. DE CASTRO.

EM SETÚBAL

quatro jornadas do fim, o campeonato de Setúbal continua a merecer interesse. Estão com os olhos postos no título os três clubes que começaram a prova com essa justificada pretensão e considerados os melhores: Vitória, Unidos e Barcelinense.

Os setubalenses, embora não tenham margem muito folgada de pontos, encontram-se, todavia, com um avanço que lhes dá grandes possibilidades de êxito. Deve, portanto, ter-se em atenção que os encontros mais decisivos estão designados para as últimas jornadas — que até lá pode surgir o imprevisto...

A décima jornada não oferecia possibilidades de alteração, pelo menos nos primeiros postos.

É certo que os setubalenses deslocaram-se para Arrentela, onde os campeões tiveram, na primeira volta, que contentar-se com o empate, facto que poderia desta feita, dar-lhes alguma respectiva. Mas os arrentelenses, sem poderem contar com alguns titulares, sucumbiram naturalmente, por 3-0, perante o leader — o Vitória — que embora esteja também desfalcado tem, sem dúvida, um conjunto melhor. Pelo mesmo score, o Barcelinense derrotou o Lusó, em sua casa, num desafio desprovido de boas jogadas, especialmente na segunda parte, que foi insípida e, finalmente inferior, mas em que o Lusó exerceu domínio.

Os setubalenses, no seu campo, deram que fazer ao Unidos — e o resultado de 3-2, a favor dos campeões, «diz» bem das dificuldades que estes tiveram ante uma equipa entusiástica e disposta a vender cara a derrota.

Em Amora é que se disputou o jogo mais equilibrado: o monárquico arrentelense o empate (1-1) num jogo pleno de energia e em que os amorenenses procuraram, a todo o transe, fugir ao último lugar da classificação. A sorte, porém, não esteve do seu lado; e continuam a ser a «claneta vermelha», agora na companhia do «team» do Arrentela. — JOÃO DIAS.

NO ALGARVE

COM a entrada na segunda volta, o Farense (claramente derrotado) parece ter perdido o pé! Derrotado pelo Louletano, talvez tivesse conferido ao Olhanense as maiores probabilidades — com vista a novo título na região.

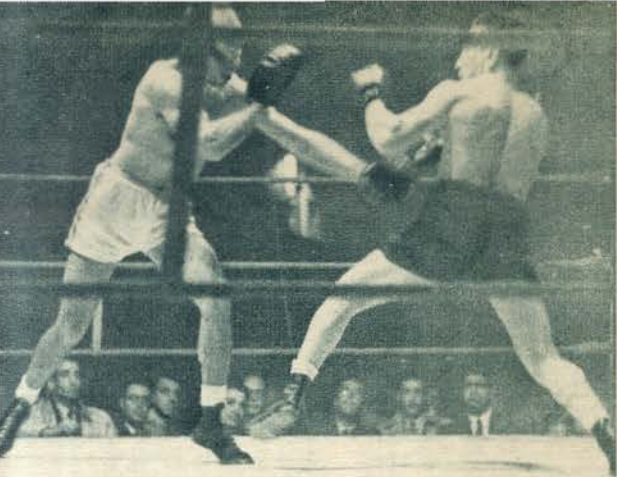
Esta primeira derrota dos «leões» de Faro constituiu, sem dúvida, a maior surpresa do torneio. E como os campeões ganharam aos concorrentes farense — por uma «dúzia de goals» — sem resposta... — é possível que a prova entre, agora, no seu período áureo: é que os dois estão empatados — o Farense com 31-8 e o Olhanense com 31-5, ambos com 16 pontos, correspondentes a seis vitórias e uma derrota.

Qualquer dos quatro restantes (Lusitano e Louletano, 12 p., 2-1-3; Glória, 12 p., 13-15; S. L. Faro, 6 p., 2-7) já não devem ter aspirações...

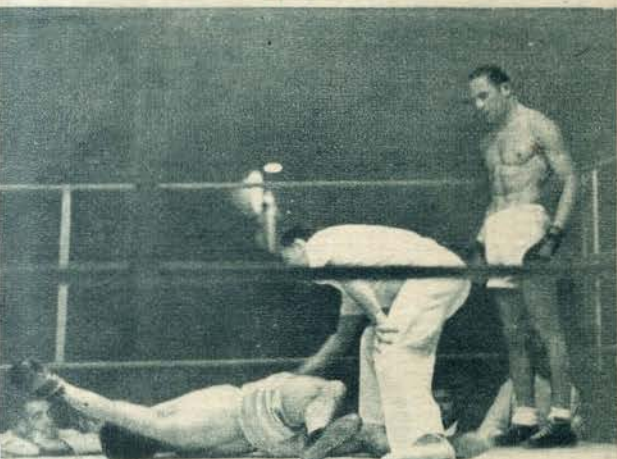
Resultados da última jornada: Lusitano-Glória, 4-1; Louletano-Sp. Farense, 2-1; Sp. Olhanense, S. L. Faro, 12-0.

NO MINHO

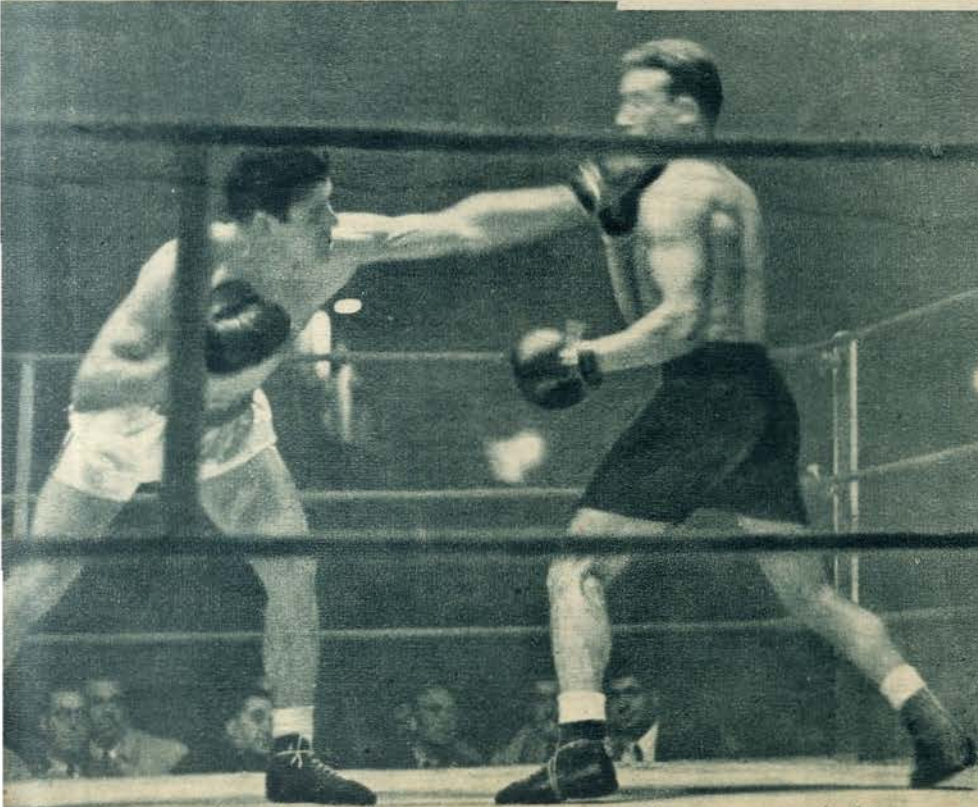
DOS três clubes com aspirações (Vitória de Guimarães, Sporting de Braga e Famacão, todos com 13 pontos no final da 2.ª volta) foram os campeões os mais felizes neste «tratamento» da prova distrital. Resultados da jornada: Vitória-Famacão, 7-0; Gil Vicente-Sp. Braga, 2-2; Fafe-Viela, 5-0. Logo, os vimaranenses ficaram isolados, com 16 pontos, seguidos dos bracarenenses (15) e dos famalicenses (14). Mas qual deles ganhará? Eis a incógnita. Que deve decidir-se, talvez, no jogo Vitória-Sp. Braga.



Fase animada da luta Matos-Sória



O "Knock-out," impressionante de Garcia



Guedes emprega uma das suas "esquerdas," com que atirou Eloy várias vezes ao chão



Eloy, já combatido, emprega a "esquerda"

Boxing no Estádio Mayer

A 2.ª VITÓRIA DE GUEDES SOBRE ELOY

Crônica de JORGE MONTEIRO

VOLTAMOS a ter anunciada nova série de duas sessões de boxing na mesma semana e em recintos diferentes! Mas ainda bem que o tempo — a chuva, se preferirmos... — não permitiu a anomalia. E que esta luta de empresas pode ser prejudicial aos interesses da modalidade — um outro *boxeur* a apresentar não é o suficiente — o público pode fatigar-se. E deserta — o que será muito pior.

A reunião do dia 19, no Estádio Mayer, apresentava-se equilibrada. Mas sem qualquer curiosidade. E que a nova luta Guedes-Eloy, a treze dias da primeira, não interessava grandemente. Podia ser bom êxito de bilheteira. E foi. Mas no aspecto desportivo — e é isso o que à crítica convém focar — não podia dar resultado satisfatório. E que estava ainda muito recente o conhecimento das possibilidades dos pugilistas. Quere dizer: ainda não se tinham esquecido totalmente do jogo que convinha fazer... Claro que esta nova luta não teve semelhança com a primeira. Agostinho Guedes voltou a marcar superioridade, ganhando bem a um Eloy Lafuentes muito mais cauteloso e que só "arriscou" o indispensável.

Uma pergunta fica em suspenso, a que o nosso campeão tem de responder na próxima luta que fizer: não terá Guedes poder de "punch" suficiente para a categoria? Ou é assim — e qualquer coisa lhe falta ainda para ser o melhor *boxeur* português de todos os tempos, como o cognominaram, ou então o espanhol, a pesar de ser um pugilista "tocados" (demonstrou-o nos dois combates) pode considerar-se *encanteur* formidável! Esta era a indicação — porque esperávamos e não se verificou... Continuamos à espera.

Novo embate Guedes-Eloy era um «cartaz». E foi. Poucas vezes — talvez nunca — o Estádio Mayer registou a influência tão grande de público. Mas que diferença entre o «ambiente» da primeira sessão e o desta! Naquela, o combate foi visto quasi sempre com os espectadores de pé, entusiasmados e cheios de interesse pela luta gigantesca de dois homens que deram o máximo das suas possibilidades e acabaram fatigadíssimos. Nesta... foi mais um combate de bom *boxing*, mas sem emotividade igual à do anterior. E uma certeza ficou: Guedes pode subir, porque é novo e tem valor; Eloy pouco mais fará, porque a pesar de saber mais já não é jovem...

Eloy acusou 75 quilos e 900. Guedes pesou 80 quilos certos. Diferença de idades. Diferença de pesos. Logo, toda a vantagem para o barcelonense. Foram dez rounds áperos, através dos quais o português marcou superioridade — por mais ágil e poderoso. Mas, em saber e em conhecimento do ring, o espanhol voltou a ser Mestre. E, sem dúvida um *boxeur* de categoria. Uma curiosidade: Guedes apresentou-se mais mexido, movimentando-se com o â-vontade de um verdadeiro campeão que não descreu das suas faculdades atléticas, metendo bem as duas mãos e fintando com mestria. Saindo «a tempo» dos *clinchs* e como mandam as regras: a empregar, de preferência, o *uppercut* curto. A esquerda, desta vez, tocou mais e fez mais «estrágos» no rosto de Eloy. Na luta anterior fora a direita! Em suma: bela exibição. Eloy foi mais cauteloso (não confundir com afolteza — porque não fugiu à luta e foi sempre valente) e, jogando assim, evitou, talvez, o k-o por que o público esperava! Vários *knock-downs* não o desconcertaram; e só em dois deles (no 6.º e no 9.º rounds) esteve visivelmente abalado e em perigo. Nessas ocasiões, Guedes não quis (ou não pôde?) continuar — e a possibilidade do golpe misericordioso gorou-se então.

Síntese do match:

1.º rd. — Estudo de probabilidades, à mistura com alguns golpes duros, mas de pouco efeito. Vantagem de Guedes: em poder, condição e esquiwa.

(Conclui na página 14)

Stadium na Capital do Norte



Salgueiros - Boavista: O remate que deu o 2.º ponto do Salgueiros



O delírio pela vitória do Salgueiros...



F. C. Porto-Académico: Correia Dias dispara o 3.º "goal", do F. C. Porto



F. C. Porto-Académico: Póvoas ganha na luta com António Jorge



F. C. Porto-Académico: Santiago segura um remate de Correia Dias

Um progresso afirmado em profundidade — A subida de nadadores ao primeiro plano

por MÁRIO DE OLIVEIRA

REALIZOU-SE, no penúltimo domingo, o festival de encerramento da época da natação. Coube à respectiva federação, com a regularidade que é tradicional nos seus hábitos, abrir e fechar a temporada oficial. Fizeram, assim, os seis meses de provas ao ar livre. É possível que haja ainda mais algum festival. Mas podemos considerar encerrado o ciclo de provas do corrente ano. É, pois, natural um balanço rápido.

De modo geral, e pela repercussão que o caso teve na movimentação da corrida, principiámos por afirmar que o caso dominante da temporada deste ano foi a dissidência registada no Sport Algés e Dafundo. As causas desta dissidência foram já apontadas na imprensa. Não julgamos de interesse para este balanço voltar ao assunto. Há apenas que anotar o seu reflexo no trabalho de dois clubes — e no interesse do público.

A saída de um bom núcleo de nadadores do Algés, com o seu treinador Alberto Azinhais dos Santos, e o ingresso de todos eles no Estoril Praia, contribuiu para descongestionar os valores agrupados no nosso melhor clube da especialidade — e provocou, também, uma rivalidade desportiva que não foi apenas de nadadores em provas, mas igualmente de treinadores. Dentro do Algés a acção de Hermano Patrão, elevado à categoria de treinador oficial do clube, divide-se entre o retorno de forma de nadadores um tanto afastados de competições e a formação de novos valores. No Estoril Praia houve a preocupação de obter melhor a forma de alguns nadadores de primeiro plano, sem prejuízo de preparar gente nova.

Enquanto o Algés se dedicou de preferência à defesa dos seus pergenhos de campeão incontestado em anos sucessivos, o Estoril Praia tentou chamar para si a atenção do público e apresentar provas de boa aptidão para o papel de animador da natação na capital. O Algés procurou classificar-se bem em todas as provas que disputou; e o Estoril Praia foi mais longe, até à luta contra os «records».

A primeira impressão de conjunto, quando se lança uma vista retrospectiva para os seis meses de provas, é a de que se progrediu regularmente — em profundidade.

As grandes figuras nacionais da natação não variaram muito, não houve nenhum novo «record» de Portugal nas provas do tipo olímpico. Simas manteve seus créditos de nadador com classe internacional. Joaquim Baptista Pereira conservou seus títulos de campeão. Apenas João da Silva Marques e Silvina Vieira Alves fraquejaram no seu posto, talvez que por ir longa a sua carreira. João da Silva Marques deixou de ser campeão ao cabo de duas temporadas de provas, salvo erro. E Silvina Vieira Alves, um nome glorioso na natação feminina, perdeu um título de que era detentor desde 1934.

Houve maior animação — em muitas provas. Fizeram-se melhores «tempos» entre os nadadores de primeiro plano, ou a eles chamados pela necessidade de tapar algumas «falhas». Bateram-se dois «records» da Portugal em provas de 400 metros livres e bruços. E foram batidos vários «máximos» da categoria, em principiantes júniores e seniores. Até mesmo Coimbra deu nova luta aos «records» da sua cidade. Um apanhado de «tempos» serviu para documentar esta afirmação. Mas fica para novo artigo.

Para agora desejamos acrescentar que não se progrediu em organização de provas oficiais ou particulares. As dificuldades que a piscina de Algés apresenta à organização de provas — a lógica concessão de entrada gratuita aos sócios, para qualquer lugar — impossibilitam, quasi por completo, a organização de festivais no seu magnífico estádio. Fizeram-se, pois, as provas do costume, organizou-se a «Noite das Estafetas», dentro do programa das Jornadas de Propaganda Desportiva do «Diário de Notícias». Mas, em contrapartida, não se fez a organização habitual do Algés, de colaboração com «O Século». De novo,

apenas o «Foro de Propaganda» da Associação de Natação de Lisboa, e os dois dias de «records» do Estoril Praia, na piscina do Alhauria.

Quanto a recintos para provas, há a anotar, neste trabalho, a construção e inauguração da Piscina-Solário de Espinho, magnífica em certos aspectos de local e arquitectura. Foi nesta nova piscina que se realizaram os campeonatos deste ano.

Relativamente à província, merece referência o labor esforçado de Coimbra, com alguns nadadores e duas nadadoras em evidência; o ressurgimento do Clube Naval Setubalense; a reorganização do núcleo de Viana do Castelo; o período de reconstrução a que se votou o Porto; e o valor sempre afirmado por Aveiro. Os nadadores aveirenses ganharam todas as provas do norte em que tomaram parte. E os nadadores da Lusitana ganharam muito bem um Coimbra-Porto organizado depois dos campeonatos nacionais.

BOXING NO PARQUE MAYER

(Conclusão da pag. 12)

2.º rd. — Guedes começou com uma boa série de esquerdas, insistindo sempre, reinatado com um *cross* da direita, que Eloy acusou. Quasi no final, e à saída de um *clinch*, o português empregou a direita com dureza — e o espanhol foi ao chão pela primeira vez! Três segundos. Vantagem de Guedes.

3.º rd. — Mais dois *knock-downs* de Eloy: por 5 e 3 segundos. Bom jogo de Guedes junto às cordas, caindo como uma flecha sobre Eloy, a causar dano. Vantagem nítida do português.

4.º rd. — Luta emocionante e com frequência de *clinchs*. Presente-se que Eloy quer durar. E que fará tudo para isso! Mas Guedes nunca o deixou sossegado. Registe-se uma boa série de *uppercuts* do português. O assalto pertenceu, porém, a Eloy.

5.º rd. — É o melhor do espanhol. Tudo — por tudo! Guedes teve um *swing* da esquerda que obrigou Eloy a cair. Mas sem contagem. Igualdade.

6.º rd. — Excelente princípio de Guedes, com dificuldade visível para Eloy. Um *swing* esquerdo, colocadíssimo, e o espanhol beijava da novo o tapete! Ficou lá durante oito segundos. Mas, ao levantar-se (sem haver perdido de todo a noção) agarrou-se logo a Guedes. E pôde, assim, durar...

7.º rd. — Ao primeiro soco que recebeu, Eloy foi ao chão. Ainda vinha «abandonado» pelo castigo do assalto anterior — e manteve-se no tapete por 6 segundos, em descanso. Quando se levantou, Guedes foi-lhe no encalço e puniu-o severamente, enquanto houve tempo para o fazer. Eloy acabou fatigado e em más condições.

8.º rd. — O descanso fez bem a Eloy, que se apresentou recomposto, respondendo bem às insistências de Guedes. Igualdade.

9.º rd. — Dureza, ainda... Os adversários lutaram com afã e igualdade. Mas Guedes batia mais forte, principalmente ao estômago e flancos.

10.º rd. — Boa troca de socos. Ofensivas de Guedes (uma boa série de *uppercuts*) e respostas precisas de Eloy. Igualdade. O português, porém, ganhara o combate nos *rounds* iniciais e ainda porque tivera a seu favor os frequentes *knock-downs* de Eloy.

Outros resultados:

Jorge Larzem (64,600) venceu António Garcia (67,100) por *knock-out* ao 4.º assalto; Luís Sória (57,920) e Manuel Matos (59,900) fizeram *match* nulo em 8 *rounds*; e António Correia (67,250) venceu José Guadalupe (64) por pontos em 6 assaltos.

Nesta sessão luso-espanhola só um visitante ganhou: mas deram-lhe a derrota! Porquê? Por ter perdido somente o último *round*? É pouco...

Dos três «preliminares», interessou vivamente a luta Sória-Matos. O espanhol — que vai defrontar Peter Khan para o título do seu

Uma vez por outra...

HA atitudes de bolezna, no desporto, que dão satisfação nos praticantes e até ao público. Em todas as modalidades e em várias emergências. No aspecto educação, por exemplo, quantas lições de civismo os desportistas podem — e devem — dar! Mas nem sempre assim sucede... E por isso (para manutenção da disciplina e até das normas mais rudimentares da boa educação) há necessidade de castigos, às vezes severos, mas sempre justos! Ainda há poucos dias assistimos a «cenas» inteiramente diferentes, que chamaram a nossa atenção. E ambas mereceram reprimenda.

Anotem-se: uma delas foi num combate de «boxing» (luta áspera, viril e desportista, dura, em suma, como em regra são as suas naquelas desportos); a outra, num desafio de «hockey» em patins. Não divulgamos nomes — que nem vale a pena! As circunstâncias em que tais acontecimentos ocorreram dispensam a nomeação das pessoas que nelas tiveram parte directa — e valeram por si.

No citado combate de «box» (leia um português em luta com um espanhol) o nosso compatriota ganhou por K.O. Inesperadamente. E talvez em consequência de se ter «zangado» a valer com o adversário, por via de uns quantos murros mais fortes com que ele o «minoseara» pouco antes! Ganhou — e, olímpicamente, com desdém soberano, voltou costas ao adversário, agradeceu as homenagens do público e desceu do «ring»! Tudo certo. Certíssimo. Só faltou cortezia no gesto, onde houve orgulho a mais! Que demônio: não custava nada ajudá-lo a erguer-se (o homem estava em dificuldade) e mostrar — ao menos para criar popularidade — que lhe fora penoso deixar o adversário naquelas condições de inferioridade. O egoísmo e o orgulho não são apanágios do desportista — mesmo quando se trata de gente que vive à custa dele... e do público.

Agora, o outro caso: em determinada equipa de determinado clube (por sinal um dos consagrados) apareceu a jogar um conceituado «refree» e antigo dirigente da modalidade. Afastado das lides práticas, há tempos, não podia, evidentemente, ser útil ao «time». E não foi. Ainda mais porque empregou dureza e excitou jogadores — colegas e adversários — e o próprio público! Esse homem esqueceu-se de que é árbitro e exorbitou; como jogador, claro. Ninguém entre os assistentes gostou. E o interessado, a esta hora, também estará arrependido do péssimo exemplo que deu aos seus pupilos — e a todos aqueles de quem deve, amanhã, fazer-se respeitar.

UMA dúzia de espanhóis vieram de Toledo a Lisboa, Tejo abaixo, em canoas especiais de borracha, numa excursão náutica interessantíssima. Em todos os aspectos. Lutando com dificuldades, como se verifica das declarações do chefe da equipa à «Estadim» — mas que superaram com tenacidade e estoicismo. Bela prova de temperamento rónico — e excelente demonstração de espírito desportivo. Um bravo aos rapazes miralinos que tão dignamente souberam honrar o desporto do seu país! E continuem — que nós os recebemos sempre com a mesma afabilidade e carinho. Que o merecem, realmente.

PEDRO DE MONTALVO

país, em meios leves — fez uma luta bonita e elegante. Matos, substituto de Raúl Oliveira, apresentou-se em boa condição física e esteve muitíssimo bem. O empate justifica-se plenamente — mas chegou a haver a impressão de que o árbitro se decidira pela vitória de Sória...

Larzem, em progresso, venceu por golpe de sorte! Um «contra» da direita atingiu a carótida e o ouvido de Garcia. E foi o fim. Mas Garcia devia ganhar se não fosse aquele golpe fortuito e certíssimo. E mais *boxeur*. Impõe-se uma «revi-ção» — a ver o que dá...

Propositadamente, não falamos das arbitragens. Na generalidade, infelizes. Só uma francamente aceitável: a de Pierre Charles. E José Araújo também não «conduziu» mal. Mas Henrique Fernandes e Machado Júnior não estiveram em noite de inspiração.

Assistiram à sessão os srs. tenente-coronel Salvação Barreto e capitão António Cardoso, da Direcção Geral dos Desportos.

INICIARAM-SE os trabalhos preparatórios da campanha do «hand-ball». A direcção da Associação de Hand-ball do Porto, em obediência a determinações regulamentares, reuniu, na sede, os representantes dos clubes filiados, para assentar, definitivamente, o programa da época de 1943/44 — organização da lista dos novos corpos gerentes.

— O presidente da direcção da A. H. P., Manuel Lopes dos Santos, foi concreto nas suas afirmações, expando aos representantes dos clubes portuenses, ali presentes — 6, o ponto de referência da convocação. Um dos delegados à reunião, Edgar Fernandes, do Sport Clube do Porto, em face da boa actuação da gerência anterior, insistiu na recondução do elenco. Os quatro dirigentes teriam a colaboração total da família do «hand-ball».

— A sugestão de Edgar Fernandes foi bem recebida por dois dirigentes da Associação — Manuel Lopes dos Santos e António de Araújo. Todavia, o presidente do «bloco» não pretende ficar na nova gerência, por motivos expostos aos representantes dos clubes. A ausência forçada do «meio», imposta pelo seu cargo profissional, foi o principal argumento da recusa.

— Perdeu o «hand-ball» do Porto um dirigente de mérito desportivo, verdadeira dedicação pelo desporto, já demonstrada na última época. Manuel Lopes dos Santos, bem coadjuvado pelos seus colegas de gabinete — José Maria Leite, António de Araújo e Vieira da Costa — conseguiu reunir, em hora feliz, a gente do «hand-ball». Resta, agora, que os quatro da comissão eleita — Edgar Fernandes (Sport Clube do Porto), Luís Rêmba (F. C. do Porto), Edemaro Alves de Sousa (Estrela e Vitoriosa) e Alberto Ferraz Carneiro (Vilanova F. Clube) — formem uma lista com valor para manter os créditos dos antecessores.

— O Futebol Clube do Porto conta já com o concurso de Maico, médio-centro do Sport Clube Vianense. A circunstância do momento presente — a deslocação de alguns jogadores, para fora do Porto, com fins militares — foi ponderada pelo departamento oficial. Aliou, no grupo do Porto, contra o Boavista, na última jornada. Tem o Futebol Clube do Porto um jovem jogador com excelentes qualidades para fazer larga carreira futebolística.

— Andava muita «poeira» no desporto-rei, com a informação da retirada dos membros da A. F. do Porto. Lá dentro havia divergências, provocadas por várias «coisas»... vindas de outros sectores. O «aristilo» começou com um documento apresentado na secretaria da A. F. P., por um delegado de um clube da I Divisão. Um dos dirigentes, sem fugir ao cumprimento do seu dever — honesto e desportivo — ficou «amado» com a insistência do delegado do clube. O clube da I Divisão procurou apenas esclarecer a situação do jogador, para defesa dos seus interesses.

— Mes a A. F. P., em contacto com o presidente da assembleia geral, reuniu na sexta-feira, na sede, para melhor definição da sua missão directiva. Havia necessidade urgente da reunião com a principal individualidade dos corpos gerentes da Associação — aliás muito criteriosa nos assuntos da bola.

— Uma ampla amnistia de castigos aos jogadores — suspensos pela Federação Portuguesa de Futebol, até 5 de Setembro de 1942, ordenada pela Direcção Geral dos Desportos. Um dos clubes do Porto — o Boavista — foi dos mais beneficiados, pois já alinhou com o seu antigo defesa Cortes.

— Um ponto já resolvido na assembleia geral ordinária da Associação Portuguesa de Hockey em Campo — a lista dos novos corpos gerentes. Na direcção ficam os quatro da época passada, havendo apenas uma modificação nos cargos — Augusto Couto, do Grupo Desportivo «L'Air Liquide», o único novo, fica como secretário-geral, em substituição de Daniel Lopes, que transita para vogal. A «guir» o conjunto continua Manuel Carvalho Esteves, em representação do Sport Clube do Porto.

— A Comissão Distrital dos Árbitros vai ter alterações, com entrada de novos elementos. Como representante da Associação de Futebol do Porto, preencherá o lugar de Artur Freire outro jogador de «velha guarda» — Álvaro Sequeira.

BALANÇO DA 1.ª VOLTA DO

CAMPEONATO REGIONAL DE FUTEBOL

ESTÁ disputado meio campeonato. Os cinco jogos efectuados deram algumas indicações sobre o valor do conjunto dos grupos da 1.ª categoria — e até das possibilidades de cada um na volta final.

Começando, está claro, pelo «leão», verifica-se, sem grandes cogitações, que o F. C. Porto leva de vencida os seus adversários, eliminando assim os pessimismos levantados em seu redor, dando confiança aos seus associados e prometendo luta aguçada para o torneio «certo» nacional.

Se é certo que, ultimamente, mercê das circunstâncias estranhas, o grupo não tem dado o rendimento preciso — igual àquêle com que iniciou o campeonato, também é verdade que tão depressa essas circunstâncias cessem voltaremos a vê-lo a jogar com regularidade — com aquela regularidade que é de esperar quando o seu conjunto puder apresentar todos os seus titulares. Possui no eixo da linha média um jogador que está a «fazer-se», que tem revelado qualidades, as quais hão-de vincar-se de jogo para jogo, segundo o contacto com a equipa lhe for dando essa oportunidade. Coberto este furo, fica-lhe somente o do guarda-redes, que, com o recurso de Neca, poderá ser razoavelmente preenchido. No ataque torna-se preciso um extremo direito, que pode ser Lourenço ou Faria, pois qualquer dêles deve dar o rendimento necessário, embora aquêle tenha agradado mais no lugar.

Portanto, o posto de campeão pode considerar-se entregue. Não devemos errar ao fazer esta afirmação, tão antecipada...

Para o «segundo» há três grupos com possibilidades: Salgueiros, Leixões e Boavista, por esta ordem — que por acaso é a da classificação. O Salgueiros dispõe, este ano, de uma coisa que não tem tido: força moral. Ora este factor, adicionado à sua forma voluntariosa de jogar, pode permitir-lhe o acesso ao torneio maior, desde que saiba dominar-se e enfrentar com calma os jogos a disputar fora — o mais perigoso dos quais é o de Leixões, pelo ardor que os matosinhos emprestam à luta em sua casa. É certo que na saída ao campo do Boavista, já efectuada a esta hora, o Salgueiros terá deparado com equipa animosa, jogando bem futebol, mas emperrando no capítulo remate. Por isso achamos mais difícil a deslocação a Matosinhos, mesmo sem esquecer que o Boavista é adversário duro de passar.

O Leixões joga na sua casa com o F. C. Porto, o Leça e o Salgueiros; vai lutar com o Académico e o Boavista ao campo dos adversários. Já dissemos o que pensamos sobre as suas possibilidades perante o Salgueiros. Mas, além da derrota admissível com o F. C. Porto, tem um «d-se»: o encontro no Bessa, pois se os «meados» de xadrez, agora com o auxílio valioso de Cortez, acertam, Couto terá de dar tudo para sair com honra do terreno...

O Boavista, com o seu grupo a jogar bem, ou quase bem, é contudo o menos cotado para o segundo lugar. Pode lá chegar, mas não reúne o mesmo número de «votos» que os outros candidatos... É grupo temeroso no seu campo e pode fazer ruir muitas esperanças. Temos o exemplo do F. C. Porto, que ia provando lá o fruto amargo da derrota.

O Leça e o Académico são os mais fracos. Mercê de várias circunstâncias, mais ou menos ponderáveis, estes grupos andam em maré de infelicidade. Deverão repartir entre si o último lugar. Os do Lima têm o dever moral de lhe fugir, pois o Leça deverá fazer todos os jogos no campo do adversário. E isso pode muito...

— Fez a sua «estreia», bastante feliz, no jogo indicado pela C. D., o «candidato» José Pinheiro Júnior. O «gaieiro» honrou as tradições da sua colectividade.

Assim não vale!...

O Boavista, não sabemos porquê, é um grupo com o qual toda a gente simpatiza.

Ou seja porque os do Bessa são uns «castrais» animosos, mexendo bem a bola, ou porque a sua «equipe» seja um pouco mais disciplinada, ou ainda porque é já conhecido como o grupo da «malapata», até pelo Bisco — o homem do «jogo inglês», do «maravilha do Arsenal», o crismador por excelência de quanta revelação passa pelo Boavista — a verdade é que se vê com grande agrado, com sincera satisfação, mesmo com prazer, movimentarem-se no terreno os «meados» do Boavista.

De verdade, é a turma que melhor e mais perfeito futebol joga; aquela que mais técnica exhibe, que mais surpreende pela sua habilidade, pois parece que todos os onze rapazes são escolhidos a «dedo» para a equipa, de tal forma se adaptam ao jogo que é seu padrão há anos.

Assim, a simpatia não anda nunca afastada do Bessa, e, muito embora contendo com uma derrota certa, nas vésperas dos encontros entre o Boavista e os seus adversários, é costume, dizer nos cafés, ou noutros pontos de reunião de desportistas: «Vamos ao Bessa ver jogar futebol».

E se o prazer moral pode, até certo ponto, minorar a infelicidade que persegue os «xadrezados», estes podem ter a certeza de que contam com as simpatias de todos os que rodeiam o rectângulo, mesmo entusiasmados com o seu clube — o antagonista do momento.

É preciso, porém, evitar que essa simpatia se dilua e desapareça, desvanecendo a tozda de «bom futebol» que rodeia o Boavista.

Vimos um jogo no Bessa durante o qual um dos seus rapazes levou todo o tempo a cometer, de forma flagrantemente, deslealdades e infracções às leis, e de mais a mais sobre um jogador que fazia a sua estreia, o grupo contrário, em jogos de campeonato. Não está certo. Esse elemento está a comprometer o bom nome do clube. Um deslize passa; mas fazer do procedimento sistema, não!

Olhamos o Boavista com muito carinho. Sentimos as suas infelicidades, os seus fracassos. Apoiamo-lo quando precisa de auxílio. Mas não contemplamos com actos malévolos.

ATLETISMO

QUANDO TERÁ A A. P. A. OS SEUS DIRIGENTES?

A poucos dias do começo da época de «cross», ainda estão por nomear os membros directivos da entidade máxima do atletismo portuense.

Esperamos que não se repita o mesmo panorama da temporada finda, que passou sem se disputar uma só corrida de «cross»!

Além disso, e dada a situação em que se encontram os serviços da A. P. A., é preciso começar com tempo, para que todo o trabalho se faça em ordem e na devida altura, a bem da situação geral do nosso atletismo.

Desde que os clubes mantêm as suas secções, e desde que os praticantes continuam a mostrar-se interessados pela modalidade — porque razão não se há-de completar todo esse trabalho e todo esse entusiasmo com a necessária e indispensável organização dos serviços administrativos e técnicos da A. P. A.?

Isto é tão lógico, tão compreensível, que só um espírito de contradição não querará vê-lo a verdade...

Os clubes devem, pois, reunir-se, quanto antes, e solucionar um assunto que já há muito devia estar arrumado.

Esperamos poder anunciar no próximo número a data da realização da primeira assembleia geral da A. P. A.

Assim seja...



Tres atitudes — e três máscaras! Baptista, Teixeira e Vergílio disputam a bola



Um instante que foca a beleza de um esforço!



A reaparição de Espírito Santo. O simpático jogador vai marcar o 2.º goal, da encontro de reservas



Tanganho vê como joga F. Ferreira...